

blimunda fundação
jose saramago
mensal
janeiro 2020
2019 PARA LER EM



josé feitor
uma crónica
de (e uma
carta a)
saramago

Editorial

CONSTRUIR UM 2020 COM AS NOSSAS MÃOS

Leituras

SARA FIGUEIREDO COSTA

Estante

ANDREIA BRITES E SARA FIGUEIREDO COSTA

**A OPERA MAGNA DE
JOSÉ FEITOR**

SARA FIGUEIREDO COSTA

*Manda quem pode, obedece quem
tem juízo e quem não tem apanha*

ANDREA ZAMORANO

**DE 2019 PARA
LER EM 2020**

UMA DÉCADA EM LIVROS

And the winner is...

ANDREIA BRITES

saramaguiana

UMA CRÓNICA DE (E UMA CARTA A)

SARAMAGO

AGENDA

Epígrafe

JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 91 janeiro 2020

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO

Fundação José Saramago

NIPC

508 209 307

SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO

Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here

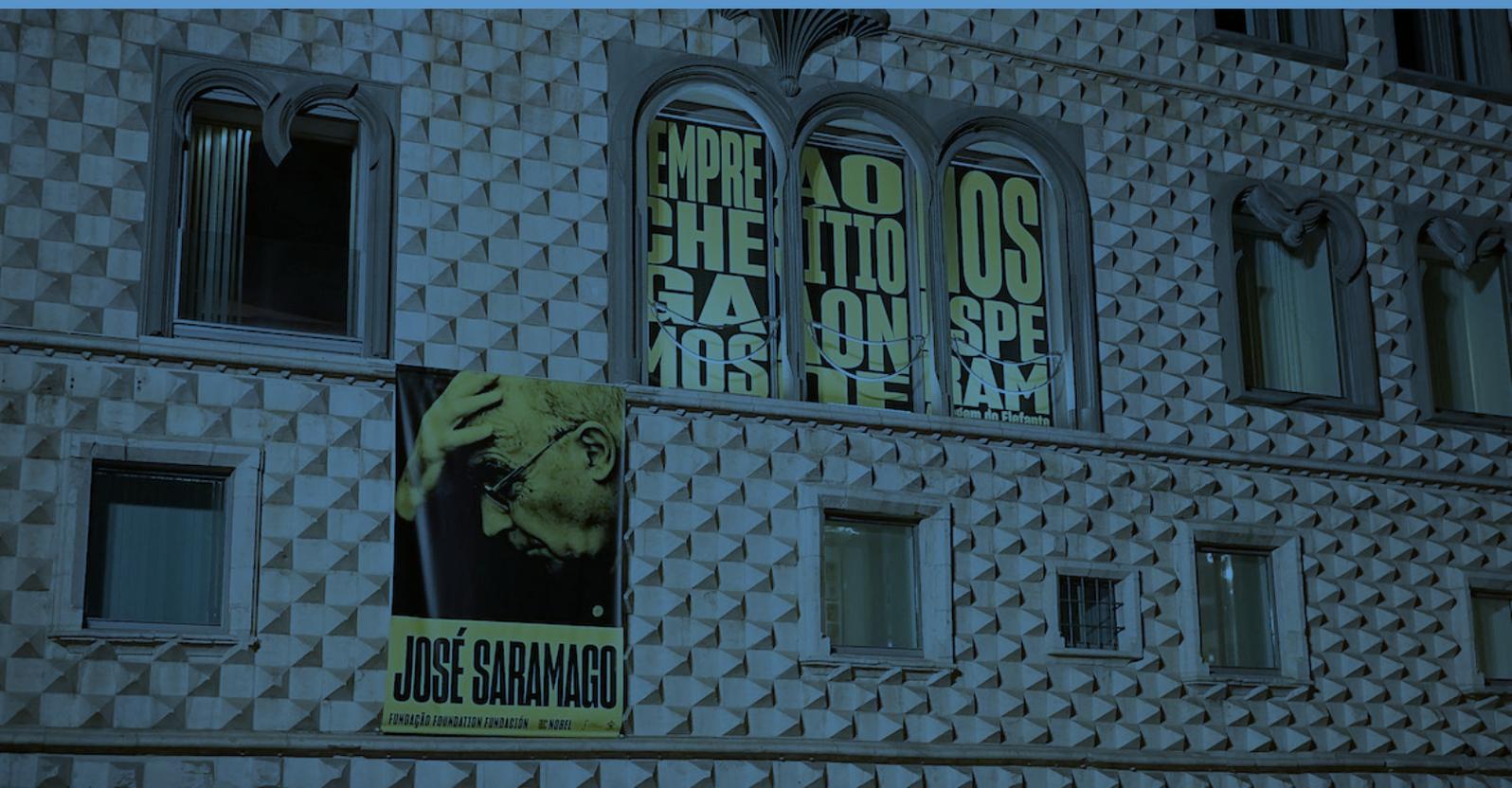
Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb Mon to Sat 10-18h 10 am to 6 pm



EDITORIAL

CONSTRUIR UM 2020 COM AS NOSSAS MÃOS

«Não há nenhum caminho tranquilizador à nossa espera. Se o queremos, teremos de construí-lo com as nossas mãos», disse José Saramago em março de 2004, numa entrevista ao jornal brasileiro *O Estado de São Paulo*.

Foi essa a frase escolhida pela Fundação José Saramago para desejar um bom início de ano aos seus parceiros, amigos e colaboradores. Pareceu-nos adequada, para os tempos que correm, uma mensagem que servisse de alerta e ao mesmo tempo trouxesse esperança.

Quisemos iniciar 2020 com o seguinte lema: Se desejamos que o ano que se inicia seja próspero, teremos que trabalhar para que isso aconteça.

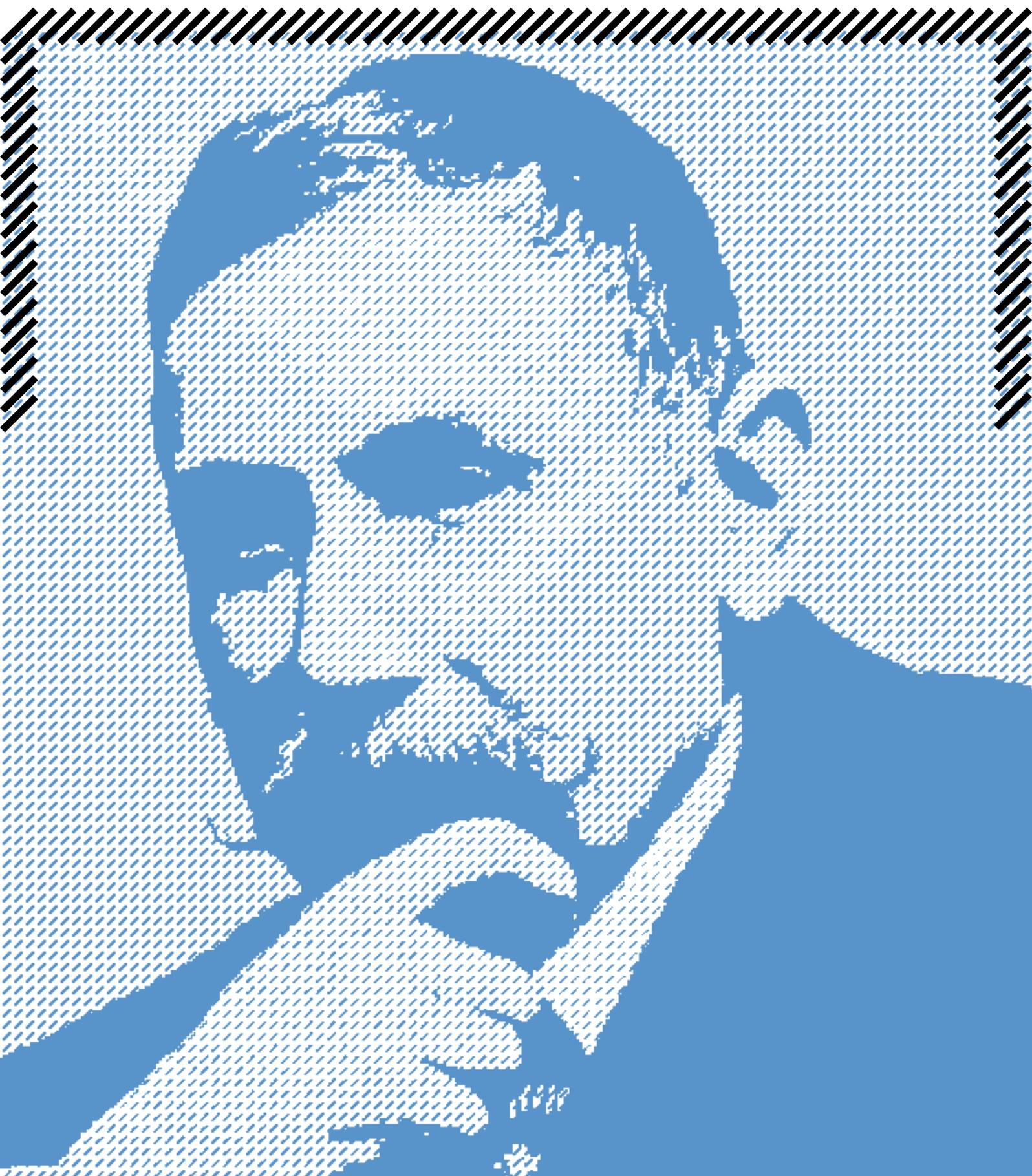
José Saramago assumia-se publicamente

como um pessimista, mas encontrava vantagens em sê-lo. «Os pessimistas são pessoas insatisfeitas com o mundo. Em princípio, seriam as únicas interessadas em alterar a rotina, uma vez que, para os otimistas, é razoável como está. Mas, ultimamente, gosto de dizer outra coisa: eu não sou pessimista, o mundo é que é péssimo. Com isto transfiro a culpa para a realidade», disse certa vez.

Há muito a ser feito, local e globalmente, neste ano que começa. E se a realidade não nos permite ver um horizonte venturoso, teremos que levantar, com as nossas próprias mãos, esse futuro que almejamos. Contamos convosco, amigos, leitores e parceiros da FJS, nessa caminhada. Façamos um bom 2020!

SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS



As mulheres de Pérez Galdós

El daguerrotipo literario del adulterio denuncia una sociedad estrecha e insana desde una perspectiva cultural, religiosa y moral.

No centenário da morte do escritor espanhol Benito Pérez Galdós, vários têm sido os textos publicados na imprensa literária sobre a sua vasta obra e o seu lugar no cânone literário em língua castelhana. Na revista *El Cultural*, Marta Sanz assina um breve ensaio sobre o papel das personagens femininas na obra de Galdós, procurando equilibrar o vanguardismo social que algumas destas personagens assumiram na época com uma leitura mais contemporânea. Dois excertos: «Las mujeres en las novelas de Galdós son a menudo cuerpo y es su cuerpo el que define parte de su territorio psicológico: su atractivo, su afán por aparentar, su fragilidad, su modestia, su sensualidad, su esterilidad, incluso su deseo de escapar de la carnalidad para decantarse en mujer espiritual o sabia... Las mujeres hoy mismo seguimos siendo cuerpo: el cuerpo del amor, la conyugalidad y el adulterio, el cuerpo de la prole. El del trabajo, la conciliación tramposa y el cansancio.» «El daguerrotipo literario del adulterio denuncia una sociedad estrecha e insana desde una

perspetiva cultural, religiosa y moral. El adulterio y sus consecuencias revelan las desventajas de las mujeres en el libre juego de un erotismo, decantado a través del modelo perverso de los folletines románticos –Madame Bovary–, de las hagiografías –La regenta– o, en el caso de las adúlteras menos leídas, representa el único recurso –suicida, ilusorio– de ascensión social. Galdós, en sus retratos y profundas introspecciones psicológicas, amparó a las desamparadas Amparos y denunció la falta de fortuna, nada azarosa, de las Fortunatas. Contó lo que vio y relacionó las miserias morales y económicas de las mujeres con el marco de los prejuicios. No es tarea sencilla. Además, lo que se ve no ha de ser necesariamente edificante. Sus personajes femeninos se mueven en la horquilla entre realidad y deseo. Agradezco la intención de un escritor que concilia como nadie lo ético y lo estético y, en su representación de la realidad, proyecta su deseo de intervenir en ella para mejorarla.» ▶

Há censuras melhores?

A generalidade da civilização ocidental não compreende como se pode ficar ofendido com caricaturas de Maomé com bombas na cabeça, em estereótipo

de muçulmanos suicidas. Mas se é o Deus dos cristãos ou dos judeus, aí fala mais alto a matriz judaico-cristã em que assenta a nossa civilização.

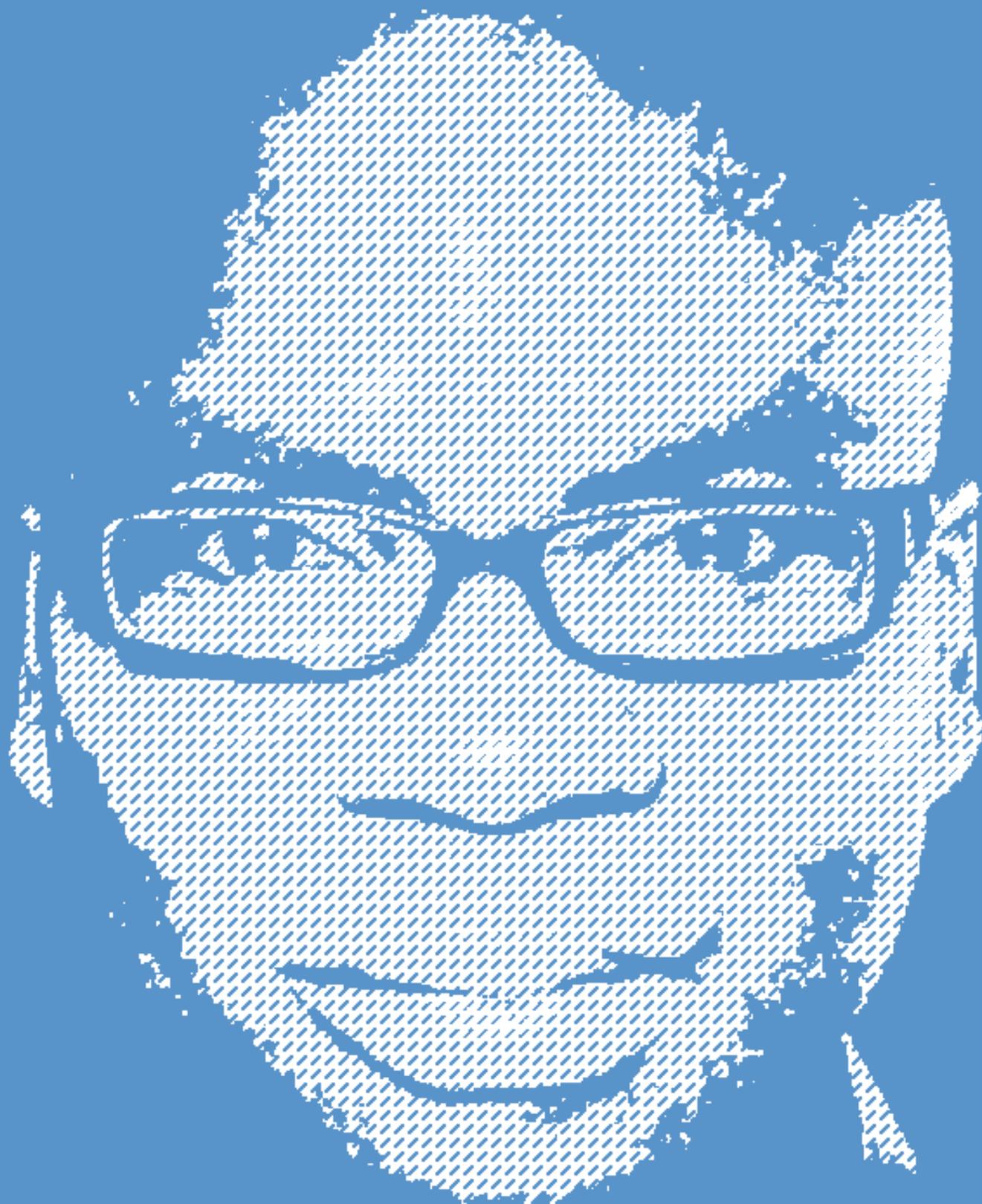
Um programa de Natal do coletivo brasileiro Porta dos Fundos acendeu um rastilho de acusações, censura e apelos a uma espécie de guerra santa no Brasil. Queixas em tribunal, comentários censórios de membros do governo brasileiro e muitas achas atiradas para a fogueira das redes sociais fizeram com que o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro proibisse a exibição do programa na Netflix, proibição revogada, entretanto, pelo Supremo Tribunal de Justiça Brasileiro. Enquanto esse processo decorria, a sede da Porta dos Fundos foi atacada com cocktails molotov. No *Público*, André Lamas Leite reflete sobre os acontecimentos, destacando a pouca solidariedade internacional que se criou em torno do assunto: «A única diferença entre o Especial de Natal da Porta dos Fundos é que ninguém morreu. Tudo o mais é igual. E nessa altura da morte dos jornalistas do Charlie Hebdo, em 2015, o mundo uniu-se pela liberdade de expressão e criação artísticas. Uniu-se, aparentemente, como são sempre aparentes estas uniões. Repetiu-se que podemos não concordar nada com o que o outro defende ou diz, mas que lutaremos até ao fim para que ele/ela o

possa dizer. Sim, mas isto é sob certas circunstâncias, ou seja, quando a generalidade da civilização ocidental não compreende como se pode ficar ofendido com caricaturas de Maomé com bombas na cabeça, em estereótipo de muçulmanos suicidas. Mas se é o Deus dos cristãos ou dos judeus, aí fala mais alto a matriz judaico-cristã em que assenta a nossa civilização. E, magicamente, os critérios que nos guiaram já não valem nada. É muito diferente! Estão a gozar com o meu/nosso Deus!» Mais adiante, o cronista aponta as relações diretas entre o discurso e as atitudes do atual governo brasileiro e a situação: «Reflexo de um Bolsonaro que semeia o discurso de ódio contra as minorias, de uma poderosa bancada evangélica, de uma polícia dos costumes que foge ao essencial do que preocupa o povo brasileiro, o ex-militar deve estar empolgado com mais um fait-divers para distrair da sua inabilidade para governar. E dá sempre jeito ter os radicais religiosos do seu lado ou mesmo aqueles que, mais moderados, só conseguem afirmar a liberdade de criação artística quando o retratado é o Deus do outro. Julgo que se chamariam fariseus. E o Deus ora retratado não gostava particularmente daqueles que afirmavam uma coisa com a língua e praticavam outra com o coração. E muito menos dos que na primeira fila da igreja se mortificavam à vista de todos.» ▶

Edem Awumey e a leitura pública

Nací en la capital de Togo y algo que cambió radicalmente mi vida fue que tuve acceso a los libros desde muy joven.

No site mexicano *Crónica*, há uma entrevista com Edem Awumey, escritor nascido no Togo cuja obra está traduzida em várias línguas – tendo sido recentemente publicada no México. Na conversa com a jornalista Reyna Paz Avendaño, o autor fala do seu país de origem e das influências literárias que o moldaram, destacando-se a importância que a biblioteca e a leitura pública tiveram na sua formação: «“Nací en la capital de Togo y algo que cambió radicalmente mi vida fue que tuve acceso a los libros desde muy joven. Era un niño bastante tímido e introvertido y eso influyó mucho para que mi relación con los libros se fortaleciera”, narra. Outro fator que determinó a Edem fue que en su escuela secundaria existía una amplia biblioteca, es decir, una excepción en Togo, país que fue llamado la “costa de los esclavos”, que vivió 38 años en dictadura y que después de la Primera Guerra Mundial dejó de ser colonia alemana para ser repartido entre Francia e Inglaterra. “De repente, dentro de mis lecturas me encontré con el libro *El extranjero*, de Albert Camus, y reflexioné mucho tiempo sobre una frase que aparece cuando al protagonista le preguntan: ¿por qué



mataste al árabe?, y éste responde: ‘por el sol’. Tenía 15 años y lo leí varias veces porque pensé que no había entendido y me preguntaba ¿por qué alguien puede matar por el sol?”, recuerda.» E, mais adiante: «Awumey iniciou su carrera literaria en Togo y se fascinó por el movimiento de lo absurdo de Samuel Becket y Eugene Ionesco. Recibió la beca UNESCO-Aschberg, para ser escritor residente en Marnay-sur-Seine, Francia, después se mudó a Quebec ya que Togo continuaba con problemas de violencia política. “Haciendo una comparación fácil con la obra Esperando a Godot, en el Togo de 1990 muchos jóvenes que se manifestaban nunca regresaban, muy pronto me di cuenta de dos verbos: ir y regresar que formarían parte de mi destino”.» ▶

África em escuta

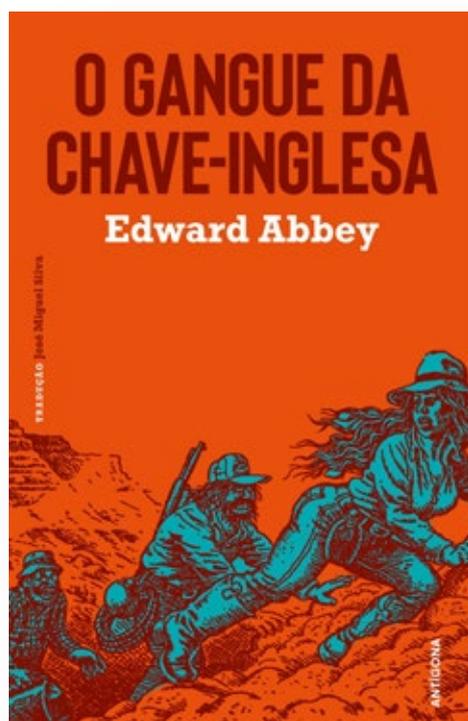
A *Afribuku*, revista dedicada à cultura africana contemporânea, publicou recentemente uma lista com os melhores discos africanos da última década. Esta é uma lista «hecha, por supuesto, con total subjetividad y que se fija en la calidad y la innovación de las propuestas», como se lê na apresentação feita pela redação. Entre as bandas e músicos escolhidos estão Ali Farka Touré, Toumani Diabaté, Fatoumata Diawara, Tcheka ou Dhefar Youssef.



SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

Lutar contra Golias



O GANGUE DA CHAVE INGLESA

EDWARD ABBEY

ILUSTRAÇÕES DE ROBERT CRUMB

ANTÍGONA

TRADUÇÃO DE JOSÉ MIGUEL SILVA

No imaginário coletivo criado por décadas de filmes e revistas de impressão barata, o Oeste americano são índios e cowboys em tiroteio constante, rodeados pela lhanura das paisagens, sempre em tons de castanho, sempre cobertas de pó, árvores secas e mesetas capazes

de esconderem o inimigo. No livro que Edward Abbey publicou em 1975, o Oeste é um último reduto, já não de índios e cowboys em perpétua desavença, antes um bastião que ainda guarda uma certa pureza do ar, um modo de vida em relação com a terra – e a sua aridez –, uma sensação de liberdade. Considerado um dos marcos fundamentais da contracultura norte-americana, *O Gangue da Chave Inglesa* é uma ode à desobediência civil e à insurreição, mas também uma deambulação estonteante pelo perigo, pelo desafio e pelas contradições que nos minam a cada passo, por mais convicta que seja a peleja.

A trama parece simples: um quarteto improvável reúne-se para combater os malefícios do progresso que invadem paulatinamente as terras do Oeste. Pontes, fábricas, enormes represas que sufocam rios outrora selvagens, empreendimentos industriais que vão minando o ar que se respira. E a publicidade, omnipresente em *outdoors* espalhados pelas estradas, alardeando os benefícios de uma vida dedicada ao consumo. Um veterano do Vietname, um médico com tendências pirómanas, uma dançarina com formação superior na área literária e um mórmon renegado compõem esta pandilha. São eles George W. Hayduke, Dr. Sarvis, Bonnie Abzug e Seldom Seen Smith, nascidos da pena de Abbey, mas inevitavelmente plasmados na leitura pelas ilustrações de Robert Crumb (que se incluem nesta edição). Juntos, iniciam um trilho desordenado de sabotagens e destruição

de equipamento industrial ou similar, criando várias lendas que se vão engrandecendo à sua passagem – a de que haveria um Rudolf, o Vermelho, por trás das sabotagens anónimas é a mais sólida – e colocando na sua pegada um grupo de fundamentalistas cristãos, onde se reconhecem as simpatias nacionalistas, os ideais de justiça



popular e o perigo dos pequenos poderes não vigiados se transformarem rapidamente em tiranias. Há um código respeitado pelo grupo (mesmo que nem sempre bem aceite por Hayduke), o de não fazer vítimas humanas. De resto, une-os a vontade de destruir uma certa ideia de progresso, por acreditarem que corresponde, na verdade,

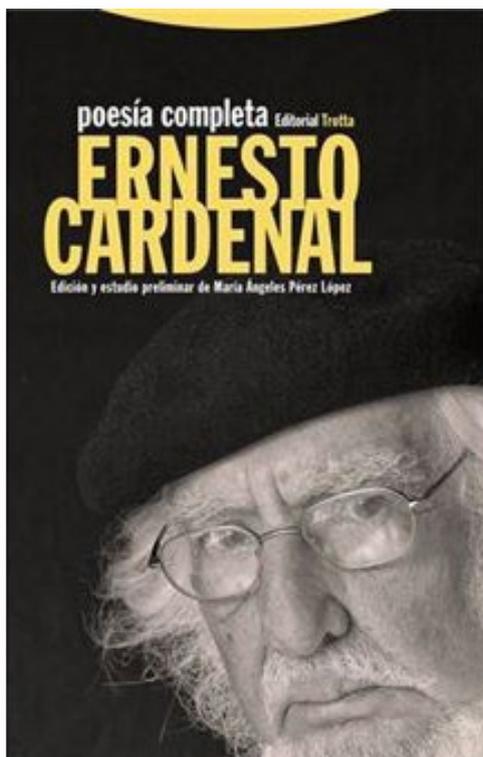
à ideia contrária: mais poluição, menos trabalho, menos liberdade. Sem chefes nem ideários bem definidos, o grupo instala-se numa espécie de fuga constante, sabotagem e desapareição, num movimento que faz brilhar o trabalho literário de Edward Abbey com o ritmo.

Num texto que vive do avanço geográfico e da aventura, tanto como da discussão permanente sobre questões políticas e práticas – onde as contradições ideológicas dos membros do grupo saltam à vista –, a ideia de *road storie* ganha corpo a cada capítulo. O movimento é essencial na prosa de Abbey, refletindo-se no labor da linguagem, nas descrições paisagísticas e, sobretudo, na inquietação permanente das personagens. Não é de estranhar que a chamada contracultura tenha adotado este volume como uma espécie de guia, inspiração profunda para tantos movimentos ecologistas mais interessados na ação do que no debate (caso do grupo Earth First!, criado nos anos 70 do século passado e muito devedor deste gangue ficcional). As reviravoltas finais desta narrativa, assentes num domínio seguro dos códigos do suspense e da aventura e numa honestidade, por vezes brutal, da linguagem, não escondem uma certa ideia de rendição, de impossibilidade, de desigualdade profunda numa luta que parece sempre perdida para o mais forte. Por outro lado, não deixam de fazer ecoar aquela ideia que José Mário Branco tão bem registou na letra do seu *FMI*: «Diz lá, valeu a pena a travessia? Valeu pois.»

ANDREIA
BRITES

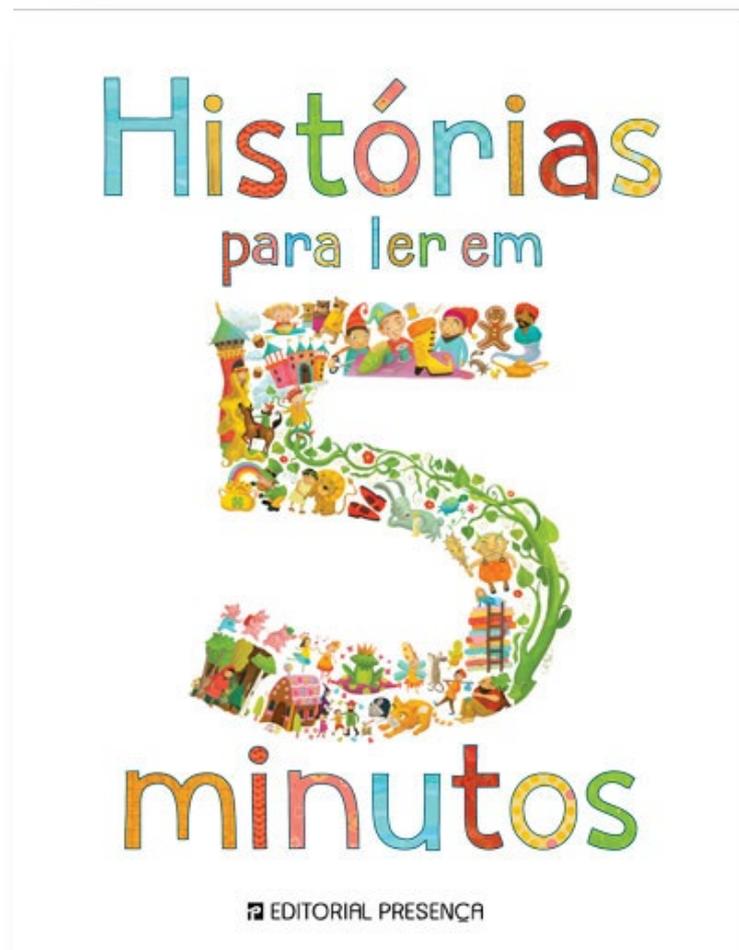
SARA FIGUEIREDO
COSTA

E S T A N
T E



POESÍA COMPLETA
ERNESTO CARDENAL
TROTTA EDITORIAL

Com um percurso que se iniciou nos anos 50 do século passado, com pequenas edições artesanais que circulavam de mão em mão, o poeta nicaraguense Ernesto Cardenal tem agora 95 anos e uma obra cuja leitura é indispensável para abarcar de modo completo a chamada literatura latino-americana. A sua obra poética reúne-se agora num único livro, acrescentando um conjunto de poemas inéditos aos livros anteriormente publicados.

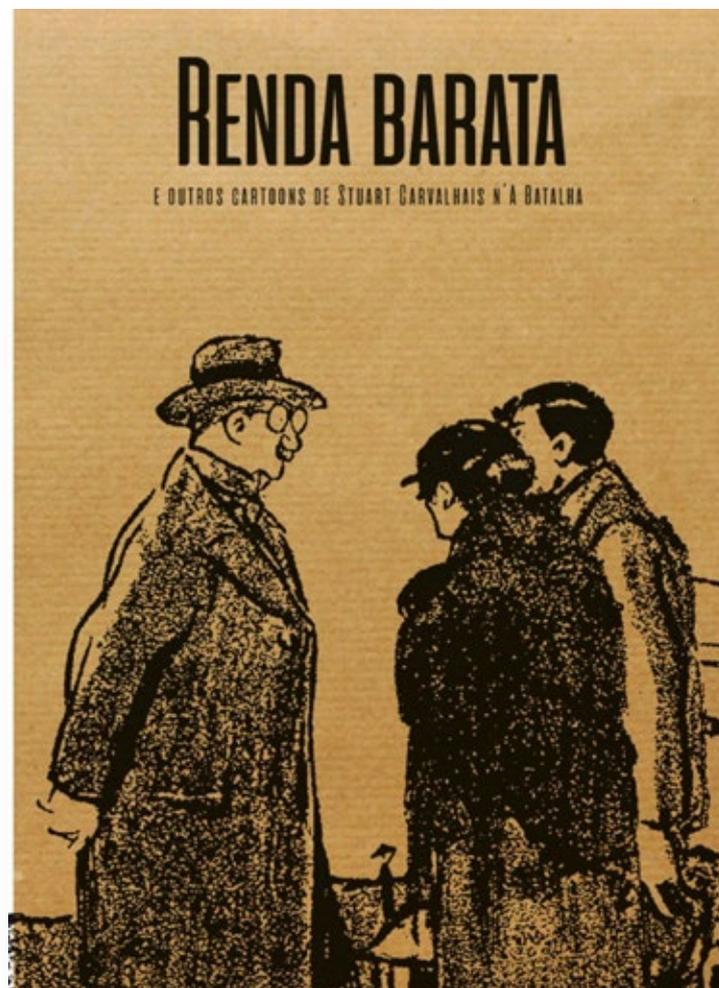


HISTÓRIAS PARA LER EM 5 MINUTOS

VVAA

PRESENÇA

O volume é grande e alberga pequenos contos, lendas e fábulas de muitas origens. Organiza-se em sete temas: Sabedoria Popular, Truques e Travessuras, Travessuras dos Animais, Meninas e Meninos, Aventuras Reais, Boas Ações e Contos Favoritos. Desta forma o leitor tanto se depara com lendas nórdicas, inglesas, polacas ou persas como com contos fixados pelos irmãos Grimm, adaptados de Perrault ou narrados pela escritora nativa americana Zitkala-Sa.



RENDA BARATA

STUART CARVALHAIS

CHILI COM CARNE/ A BATALHA

De seu título completo Renda Barata e outros cartoons de Stuart Carvalhais n'A Batalha, este pequeno livro capaz de caber num bolso reúne a totalidade dos cartoons de Stuart Carvalhais identificados pelos editores n'A Batalha e no seu Suplemento Ilustrado, entre 1923 e 1925.



SARITA REBELDE QUER SER ASTRONAUTA

LÚCIA VICENTE

CÁTIA VIDINHAS

NUVEM DE LETRAS

É o primeiro livro de uma coleção cuja protagonista é Sarita, uma rapariga que transforma o quotidiano em oportunidades para sonhar, fazer planos e satisfazer a sua curiosidade. Segundo a escritora, esta personagem surge como resposta a Anita, paradigma de uma imagem machista, tradicional e segregadora da mulher e da sua educação.

RELÓGIO D'ÁGUA

A Visão das Plantas Djaimilia Pereira de Almeida

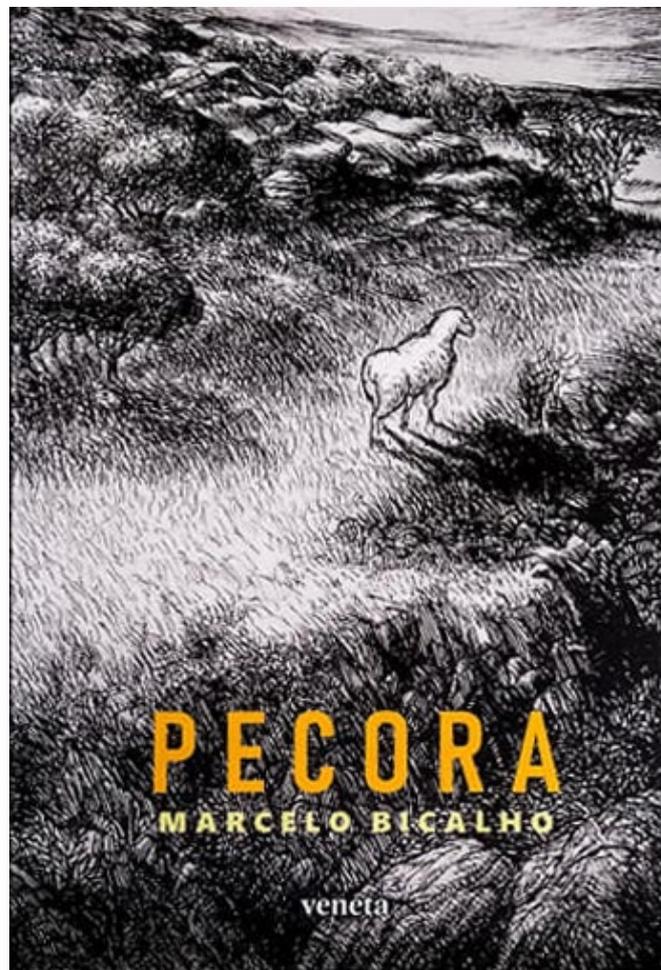


A VISÃO DAS PLANTAS

DJAIMILIA PEREIRA DE ALMEIDA

RELÓGIO D'ÁGUA

Recuperando o Capitão Celestino de *Os Pescadores*, de Raúl Brandão, Djaimilia Pereira de Almeida questiona a possibilidade de alguém com um passado marcado pela violência exercida sobre os outros viver de consciência tranquila, num livro que vai olhando para o passado com os olhos indubitavelmente postos no nosso presente comum.



PECORA

MARCELO BICALHO

VENETA

Do conhecido autor de banda desenhada brasileiro, uma fábula de finíssimo recorte gráfico e metafórico coloca uma ovelha no centro da narrativa, mergulhando nos seus sonhos e pesadelos e fazendo desfilas dúvidas, medos e gestos arriscados num momento em que o desamparo e a desorientação parecem ser as únicas certezas no quotidiano do animal.



UM MILHÃO DE REBUÇADOS

INÊS FONSECA SANTOS

MARTA MONTEIRO

PATO LÓGICO

A história dos célebres rebuçados peitorais que cumprem agora sete décadas de existência é contada por um rapaz que vai intercalando os factos com a degustação de rebuçados. Assim fica o leitor a saber porque se chamam Dr. Bayard, como se cruzam na vida de um empregado de mercearia e como é esta pessoa quem será o fundador da fábrica que continua em atividade, produzindo nada mais nada menos que um milhão de rebuçados por dia.



***STREET ART PORTUGAL —
GUIA DE GRANDES ARTISTAS PORTUGUESES***
VVAA
ZESTBOOKS

Um guia para conhecer o trabalho de artistas portugueses que têm vindo a destacar-se na street art, muitos deles com projecção internacional, todos com obras que podem ser vistas em diversas paredes de Portugal e não só. Vhils, Aka Corleone, Tamara Alves e Bordalo II são alguns dos artistas incluídos.

● *a opera
magna de*

josé

*sara
figueiredo
costa*

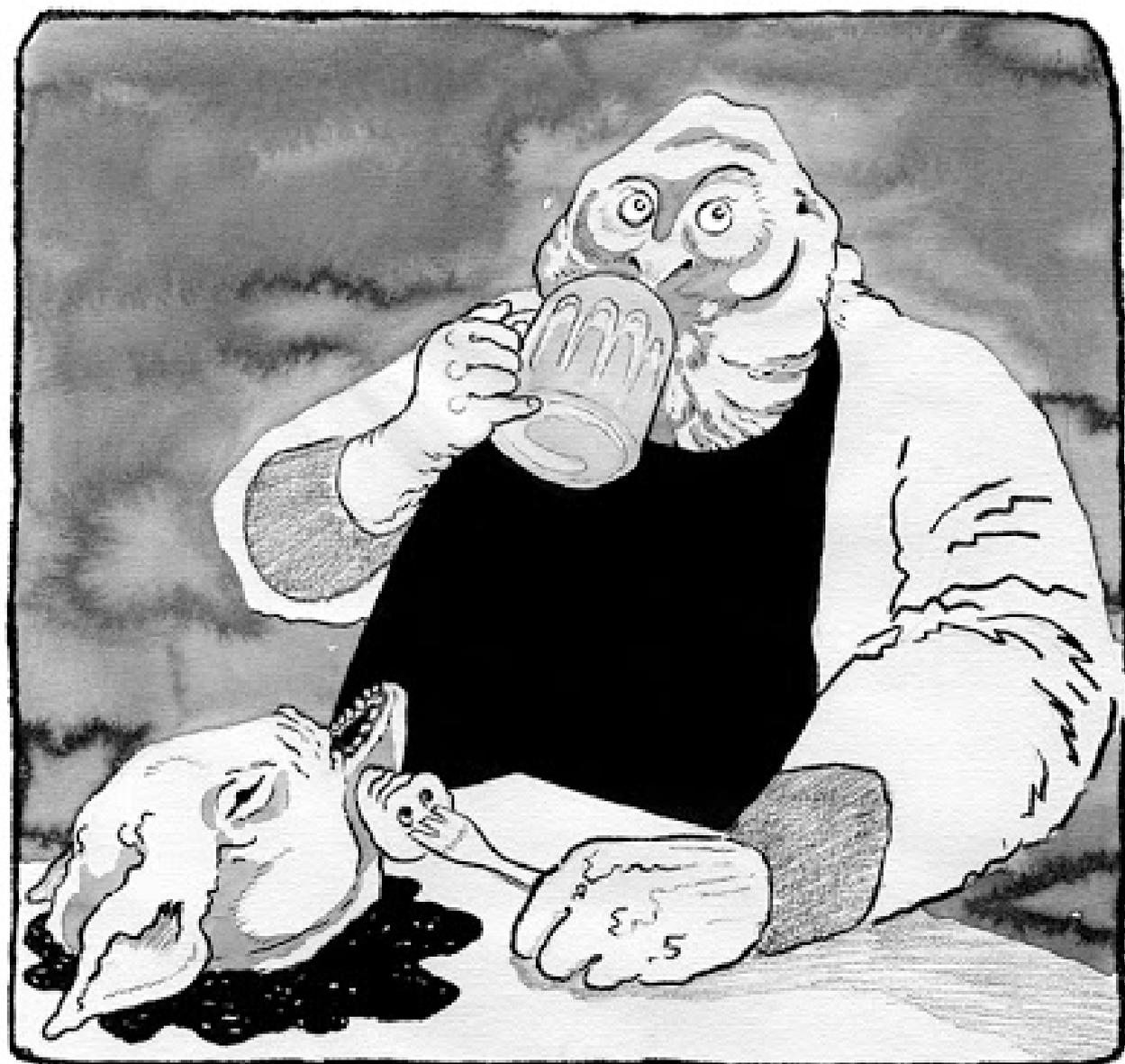
fer-

tor

N

as últimas duas décadas, o trabalho de José Feitor tem sido presença regular em vários espaços, publicações e projetos, muitas vezes coletivos. Do fanzine *Zundap* às ilustrações publicadas no jornal *Combate*, passando por publicações coletivas como *Cabeça de Ferro* (Imprensa Canalha), *Crack On* (Chili Com Carne/Forte Pressa), *Seitan Seitan Scum* (Chili Com Carne) ou *Futuro Primitivo* (Chili Com Carne), as imagens que cria foram igualmente avistadas em capas de discos, cartazes, livros escritos por outrem e até algumas paredes. A vertente coletiva do trabalho criativo tem sido, aliás, marca de água do seu percurso, cruzando-se as ilustrações com a dedicação a projetos como a Feira Laica, entretanto desaparecida e ressurgida em novos movimentos, a associação de artes gráficas Oficina do Cego, as exposições *Zurzir o Gigante* e *Furacão Mitra* e, num modo mais individual, mas ainda assim trabalhando com outros autores, que foi integrando no catálogo por si definido, a editora Imprensa Canalha.

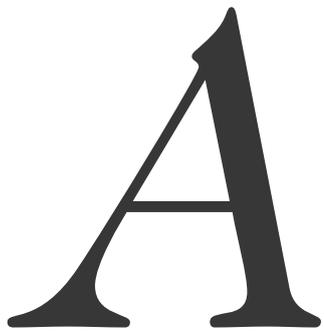
É nesta mesma chancela que se publica o seu mais recente livro, *Encantados e Arruinados Ante os Restos do Banquete*, um volume dividido em três partes, sendo as duas primeiras já conhecidas dos leitores mais atentos. *Uma Perna Maior que a Outra* foi dado à estampa em 2014, no formato de um folheto A5, e *Pimenta no Cu dos Outros Para Mim É Refresco*



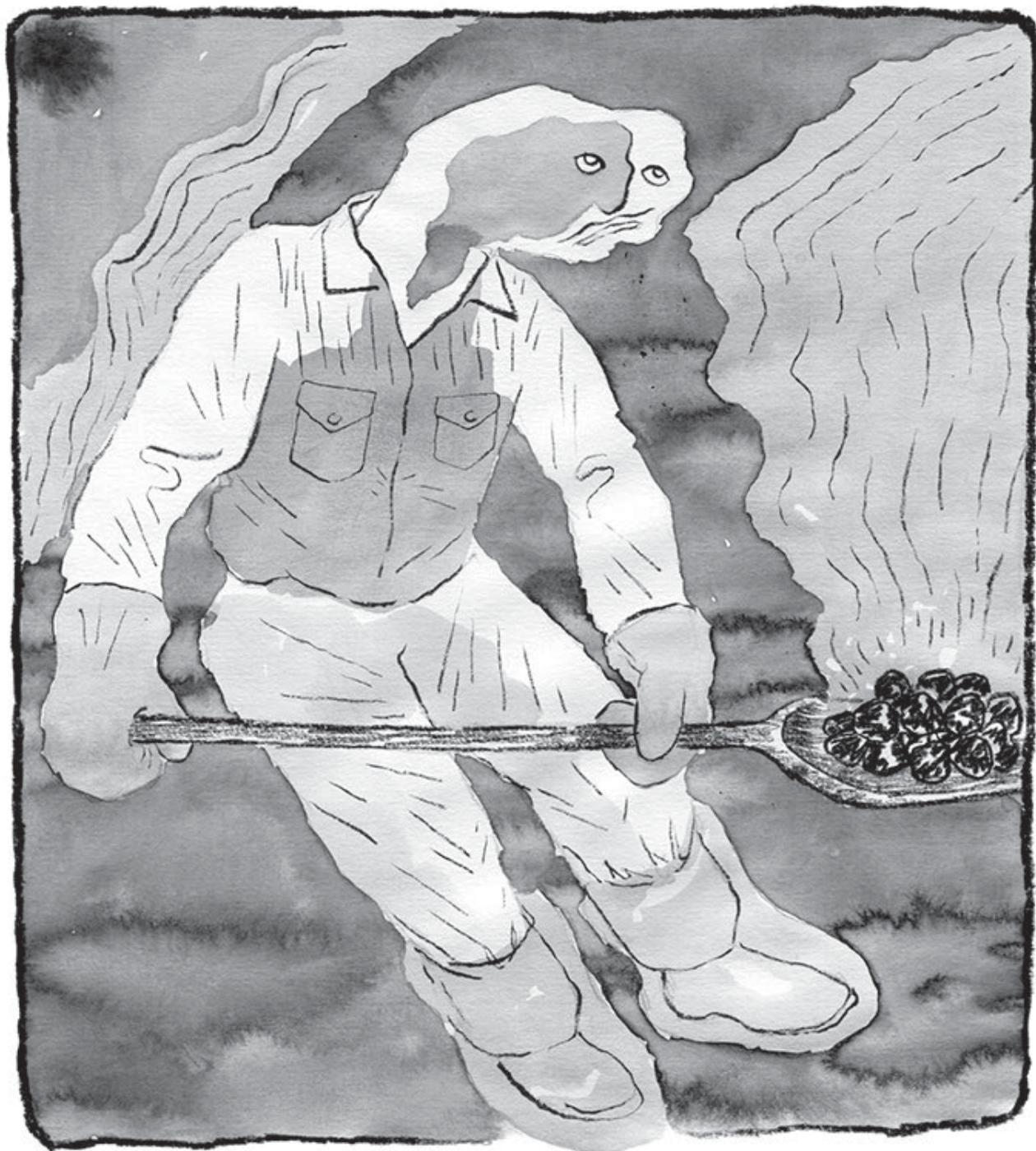
É necessário organizar a luxúria e o desejo, pois nem tudo está ao nosso alcance. O que não podemos ter está geralmente nas mãos dos outros, constatação que encaramos com azedume. Roubar é, nesse contexto, uma necessidade. Essa possibilidade tem estado na ordem do dia desde o início dos dias. Prova concludente disso é a propriedade que se acumula nos tornozelos de alguns. Damos morte ao insecto que se atravessa no nosso caminho. O seu crime é ser aquilo que é: hediondo e inofensivo. Assim acumulamos aquilo que os insectos deixam para trás: campos, recursos, ferramentas, pequenas poupanças, fotografias de família. Comer equipara-se ao roubo e daí emana poder, quando certos limites são ultrapassados: o mais gordo é aquele que espanta o vazio empaturrando-se, o que causa admiração entre os esfainados. Comer é um duplo deleite: estímulo do palato e sensação de esbanjamento. Num eterno potlatch, a Humanidade diverte-se, como as crianças, a promover orgias de desperdício. Não se come para afastar a morte, antes para convocar o Fim. Aqui deve destacar-se aquele que prepara a comida do glutão, o eterno inane.

teve edição, no mesmo formato, em 2018. No fim de 2019, *Ainda Que Fosses Capaz Não o Farias* ganhou existência como a terceira parte do que é agora uma trilogia.

A junção destes três livros num mesmo volume não é fortuita. O resultado é um corpo coerente, que se apreende enquanto unidade, mesmo que a dispersão e a fragmentação sejam um dos alicerces dessa unidade. Este é um registo ensaístico livre, que não se coíbe de convocar material autobiográfico, teorias e pensamentos alheios e a sempre escorregadia certeza do que na memória ficou registado para a sua composição. Imagens e textos são a matéria desse registo, e mesmo que as primeiras ocupem um espaço maior no lugar físico das páginas, é a sua relação com as vinhetas escritas que cria os significados a que acedemos e aqueles que podemos intuir e construir.



abrir o livro, *Uma Perna Maior Que a Outra* revela parte da sua tonalidade no subtítulo Reflexões sobre um ponto de partida e respetivo ajuste de contas. A narrativa, composta por uma sucessão de momentos em que se apresentam pessoas, hábitos, estados de alma ou rotinas inescapáveis, faz-se num registo autobiográfico onde o espaço, mesmo que nunca nomeado, assume papel de destaque pelo modo como determina as vivências de quem o habita. Naquilo que poderíamos definir como um universo rural, não é o telurismo, as notas bucólicas ou a vida marcada



O trabalho dos outros é precioso, pois constitui a garantia perene da nossa felicidade. O asco que hoje sentimos pela instituição da escravatura é com certeza uma anomalia civilizacional que em breve cessará. Não pode ser de outra forma. Os milhões que hoje laboram nas casamatas da grande babilónia dos trapos não sonham senão com a possibilidade de envergar, no dia de Vishnu ou no feriado da vaca gorda, a blusa que costumam. Aristóteles não era tonto e engendrou todo um sistema para justificar que as ferramentas animadas nos limpem o rabo. O dono destes cães está satisfeito e quer retribuir-lhes, na justa medida das lambidelas que recebe. O desejo de transformar homens em animais com trela é antigo e forte e a ele devemos agradecer as origens do atual Estado das coisas. Manter os cães na ilusão do sonho é uma habilidade que se ensina em certas escolas.

pelas estações que salta à vista, mas antes uma violência latente, um embrutecimento progressivo que transporta a marca de muitas gerações, um destino previamente traçado ao qual só se escapa a golpes de machado – e, mesmo assim, sem certezas quanto ao sucesso da fuga: «Eles casavam e depois pariam-nos. E deixavam-nos medrar. Muitos anos depois alguns abriam os olhos e berravam. Outros ficavam de olhos cerrados, sem saber o que estava para lá da entrada do covil. Não sei ainda qual deles sou.» A sequência é atravessada pela infância, esse monstro cuja existência biológica a cronologia encerra com as primeiras hormonas descontroladas, mas cuja presença parece agigantar-se num outro lugar, talvez longe das células que envelhecem, mas certamente bem perto das que, entre sinapses e encontros neuronais, nos definem o resto da vida. Um pouco como a pequeníssima mancha negra que surge nas páginas pares deste livro, crescendo à medida que as folhas avançam – ainda assim, sem se tornar esmagadora ou ocupar um espaço impossível de suportar; está lá, cresce, ocupa o seu lugar de modo visível, mas talvez não precise de derrubar ninguém. Assim haja forças para a ir contrariando.

P

imenta no Cu dos Outros Para Mim É Refresco encena uma transição, cruzando reflexões várias sobre o mundo e os modos como nele vamos vivendo com vestígios sempre



recorrentes – surgindo numa inevitabilidade que se sente na leitura – dos ecos do passado, filtrados pela memória, essa máquina de triturar, inventar e recuperar verdades. Como se explica numa nota final do autor, esta segunda parte deve a sua criação à leitura de textos de Elias Canetti, Sigmund Freud, Samuel Butler, Thomas Hobbes, Ian D. Suttie, Stephen Jay Gold e Robert Muchembled, entre outros, bem como ao Antigo Testamento. As referências surgem ao longo de todo o livro, por vezes de forma imediatamente identificável, mas a sua inserção não obedece a linearidades teóricas ou arrumações hierarquizadas. Pelo contrário, é na fusão com o que se lhes acrescenta – seja verbalmente ou através das imagens – e com o que a partir delas se constrói que a sua presença ganha sentido. Cosmogonias, pecados e remissões, determinismo, evolução, fuga e, acima de tudo, queda, eis a matéria dispersa que se sustenta nas palavras alheias para com elas, e para além delas, reconstruir não um mundo, mas antes um modo assumidamente instável e vulnerável de olhar para ele.

N

o terceiro livro, até agora inédito, assume-se a política no centro da narrativa. E política, aqui, é o termo na sua aceção semântica original, a que podemos recuperar em qualquer dicionário etimológico e que remete para o governo da pólis. *Ainda Que Fosses Capaz Não o Farias* olha para a coisa pública sabendo que o efeito dos modos possíveis de a



organizar incide sobre a comunidade, sim, mas também por isso sobre cada um dos seus membros. E nessa dificuldade de conjugar aspirações individuais, desejos, sonhos e medos com um suposto bem comum estão as contradições a que por vezes não temos como escapar. O subtítulo desta secção é, aliás, claro na consciência dessas contradições: Notas esparsas e incoerentes sobre aquilo que tem corrido mal. O tom não é apocalíptico nem salvífico. Há cinismo e ironia em doses generosas, crítica desencantada e reconhecimento desta espécie de barricada em que o capitalismo nos colocou, a de não ser possível alterar grande coisa sem que abduquemos de parte do que consideramos conforto. Não há visões simplistas nesta última sequência, nem grandes esperanças numa hipotética redenção. E talvez haja, afinal, uma certa dose de apocalipse, sem trombetas nem cavaleiros, mas com o peito aberto aos ricochetes de balas que podem andar lá longe, mas nem por isso são inofensivas. E, sempre, com uma imponente elegância no tropeção, mistura de fatalismo, consciência aguda e a vontade férrea de não perder a capacidade de pensar, rir e ir falhando o melhor possível.

Disperso em múltiplas plataformas e modos de concretização, o trabalho de José Feitor antes de *Encantados e Arruinados Ante os Restos do Banquete* era já reconhecível enquanto corpo coerente. As figuras animais antropomorfizadas, a encenação de uma secreta



vida de máquinas e objetos, o questionar de hábitos, gestos e uniformizações, um pensamento orgulhosamente indisciplinado sobre o mundo, a história, as pessoas e as suas relações feito a tinta, aguadas e linguagens – misturando o verbo e o traço – em convergência e conflito constantes. E sempre a presença de pontos de partida respigados de outros trabalhos, num gesto de apropriação assumida como *modus operandi* e gatilho para pensamento e concretização.

Com a edição deste livro, reunindo três livros num único – e uno – objeto, esse trabalho ganha um ponto de observação mais vasto, não só por se tornar acessível a mais leitores, podendo finalmente escapar do reduzido universo de fiéis da micro-edição e dos espaços autónomos e não publicitados onde a criação artística e o diálogo entre linguagens se tem desenvolvido de um modo muito particular, mas sobretudo por se concentrarem tantas das suas linhas de força num mesmo espaço. E desse espaço, concentrado entre duas capas cartonadas, não se sai incólume, quer pelos ecos que individualmente reverberarão em sucessivas leituras, quer pelo que convoca em termos de inquietações coletivas às quais talvez não nos devêssemos furtar. Assim os tortuosos caminhos da distribuição livreira não impeçam a boa circulação que este livro reclama.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago





AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org

assine o
suplemento pernambuco

anual – R\$ 60
bianual – R\$ 100



The image features a large, stylized red graphic of a house with a white central area. The house has a gabled roof and a chimney on the right side. The white area contains the text 'CASA JOSÉ SARAMAGO' in a bold, black, sans-serif font, with 'CASA JOSÉ' on the top line and 'SARAMAGO' on the bottom line. Below this, in a smaller, black, sans-serif font, is the text 'ÓBIDOS CITY OF LITERATURE'.

**CASA JOSÉ
SARAMAGO**
ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS

A Casa da Andrea

**MANDA
QUEM PODE,
OBEDECE
QUEM TEM
JUÍZO E
QUEM NÃO
TEM APANHHA**

Andrea Zamorano



ditado popular «manda quem pode, obedece quem tem juízo», que mais parece estabelecer uma relação patológica de subserviência, na verdade dá pistas para a forma distorcida como as regras da nossa hierarquia social estão definidas. E o que pode acontecer se quem está no lugar do oprimido, daquele que deveria obedecer e engolir calado toda espécie de humilhações, resolve não aturar mais?

Naquele domingo à noite, a insubordinação de Cláudia Simões não durou mais do que três paragens. Foi essa a fração de tempo que o pequeno poder, aquele que se legitima com ninharias, não prevaleceu na sua vida. Confrontada com a incomplacência de um motorista de uma empresa de transportes privada que presta serviço de transportes públicos, Cláudia esforçou-se para sensibilizar o condutor para o fato de que a filha de oito anos havia se esquecido do passe social mas que na paragem de destino pretendida estaria um familiar para apresentar o título, ainda que nenhuma criança até doze anos de idade tenha que pagar na região da Grande Lisboa.

A nova lei dos transportes públicos estabeleceu que as crianças para terem acesso ao benefício da gratuidade devem apenas estar previamente identificadas através de um cartão a ser validado no momento do embarque. Era esse o cartão que a

lei obrigava e a filha de Cláudia não trazia. O motorista estava apenas a cumprir o seu papel. Não tem passe e não quer pagar o bilhete para a filha? Não viaja. É correto. Tinha razão. Mas desde quando ter razão nos impede de sermos humanos?

Talvez num futuro muito próximo, quando a inteligência artificial estiver banalizada nas nossas vidas quotidianas, os motoristas de autocarro sejam prescindíveis tal como se tornaram os cobradores. Veículos operados por robótica nos conduzirão de um ponto para outro sem falhas, um algoritmo qualquer impedirá que a máquina empatize com as nossas humanas imperfeições, que compreenda uma situação que não segue o conjunto de protocolos que o programador definiu como parâmetros para o seu funcionamento. Ainda não estamos nesse futuro, aliás três paragens adiante Cláudia e a sua filha perceberiam que estavam num presente com bafio, fedendo a passado, com ranço racista onde uma mulher negra pode ser atirada no chão e desumanizada.

Tudo porque Cláudia decidiu perturbar a falsa harmonia vigente. Não teve juízo, de acordo com o provérbio popular, e ignorou a sua condição. Cruzou os limites, baralhando os papéis. Talvez pelo adiantado da hora, pelo vento e pelo frio que se faziam sentir naquela noite, quem sabe por estar farta de mesquinhas ou até por ser incapaz de cumprir regras que nos permitem viver em sociedade, como já foi veiculado, Cláudia se deu o direito de não ter paciência. Entendeu que era razoável

transgredir o lugar que lhe estava designado no nosso sistema. Descumpriu o que intransigentemente lhe negaram, a empatia. Cláudia decidiu tomar o risco e se aparecesse um fiscal que lhe passasse uma multa, não pagaria o bilhete para filha. Sentou-se com a menina num dos bancos e seguiu no autocarro para o seu destino.

Dali a três paragens, o motorista abandonaria o autocarro em busca do auxílio de uma autoridade com poder superior ao seu para restabelecer a ordem no seu microcosmo desorganizado pela disruptiva insubmissão de Cláudia. Mas o que nem ele nem Cláudia poderiam prever seria a violência que se seguiria.

Restam-nos as imagens em vídeo de um agente da força policial a agarrar Cláudia pelos cabelos, depois vemo-lo sentado em cima do seu corpo, os populares a gritarem, dizendo que Cláudia não oferecia resistência, o agente berrando de volta com o grupo de pessoas, o rosto de Cláudia aparece limpo e sem marcas. Depois temos outro vídeo, os olhos de Cláudia já não se abriam, a testa aparece inchada, o sangue estava coagulado no nariz e, ela própria, mostra-nos os lábios cortados por dentro.

O adágio popular e o resultado da experiência de Cláudia não deixam dúvidas, na nossa sociedade o mais fraco deve se curvar face às exigências de quem manda. Quem pode manda, quem tem juízo obedece e quem não tem apanha. Principalmente se for mulher, negra, pobre e imigrante.



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

de 20

19 pa



ra ten

ANDREIA BRITES

em 20

*É sabido que Novembro e Dezembro são meses fortes para a edição. Com a perspectiva das compras de Natal o mercado agita-se e satura de novidades. No segmento infanto-juvenil não é diferente. O risco de alguns títulos não terem o destaque e a atenção que merecem é real. A **Blimunda** escolhe dez para que o início de 2020 não soe a deserto depois do oásis.*

2019  2020

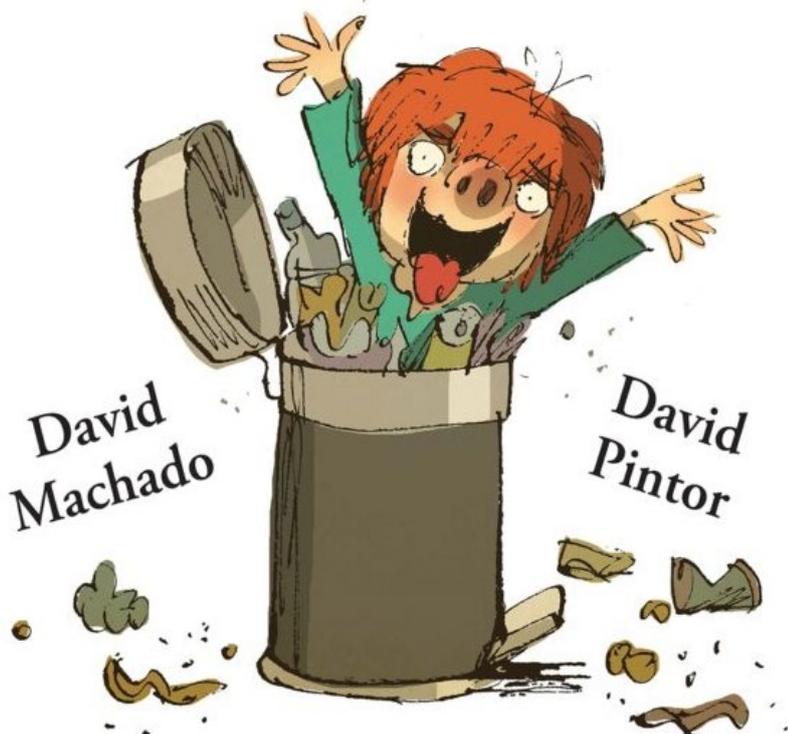
ALFABETO NOJENTO

DAVID MACHADO
DAVID PINTOR
CAMINHO

O alfabeto *nojento*

ou

As aventuras de um rapaz que gosta de fazer asneiras



CAMINHO

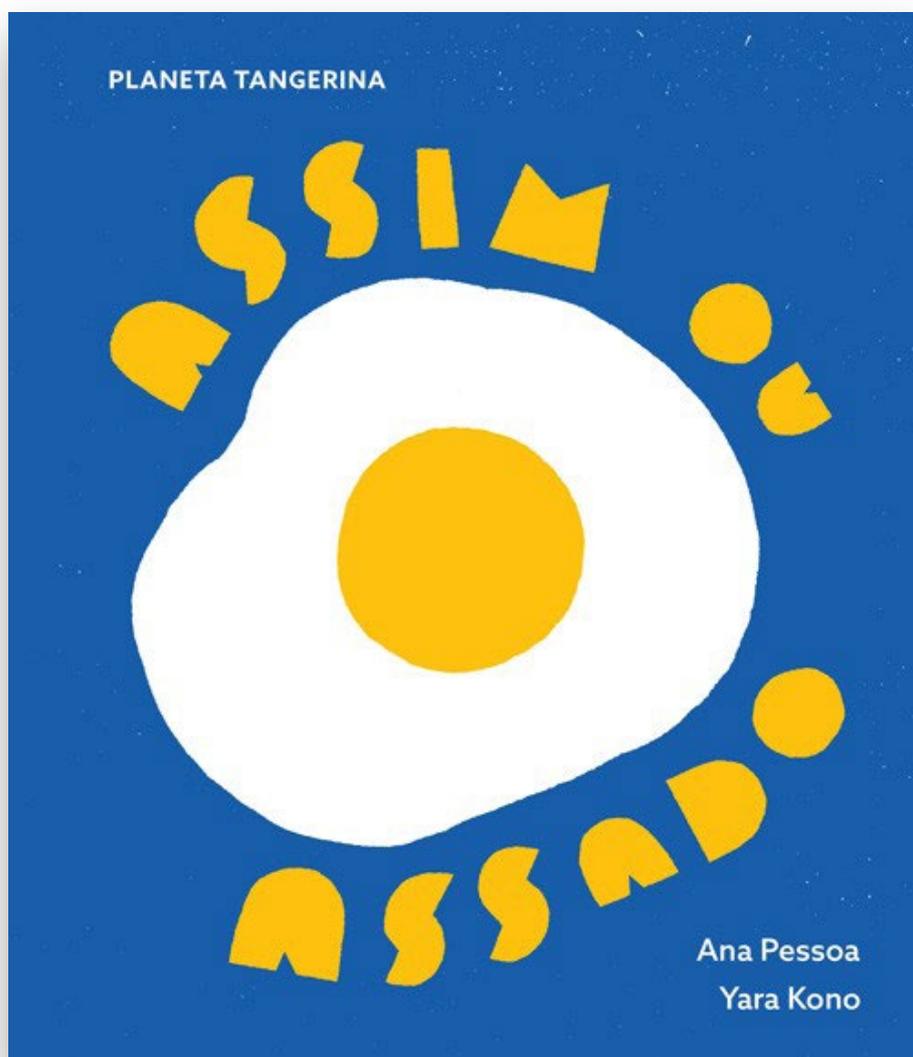
Não há como fugir: é difícil que pelo menos uma das entradas deste alfabeto não nos cause uma vaga sensação de náusea. Apesar do excesso que pode representar para o adulto confrontar-se ao longo de 23 entradas com ranho, vomitado, lixo, cocós vários e habitantes das fossas nasais entre outros primores da escatologia, o facto notável é que as propostas nojentas proliferam numa lógica muito próxima do que se ouve diretamente da boca das cândidas crianças. Quer isto dizer que o tema está claramente em sintonia com o seu público e que somos nós, adultos desengraçados, que já passámos a fase. Há desassombro no texto, o que o torna mais directo, cumprindo aquilo a que se propõe desde o título e a capa. David Pintor contribui com o retrato de uma personagem alada, de cabelo meio desgrenhado que, na sua expressividade e movimento parece avisar-nos que está disposta a tudo com uma energia inesgotável!

2019  2020

ASSIM OU ASSADO

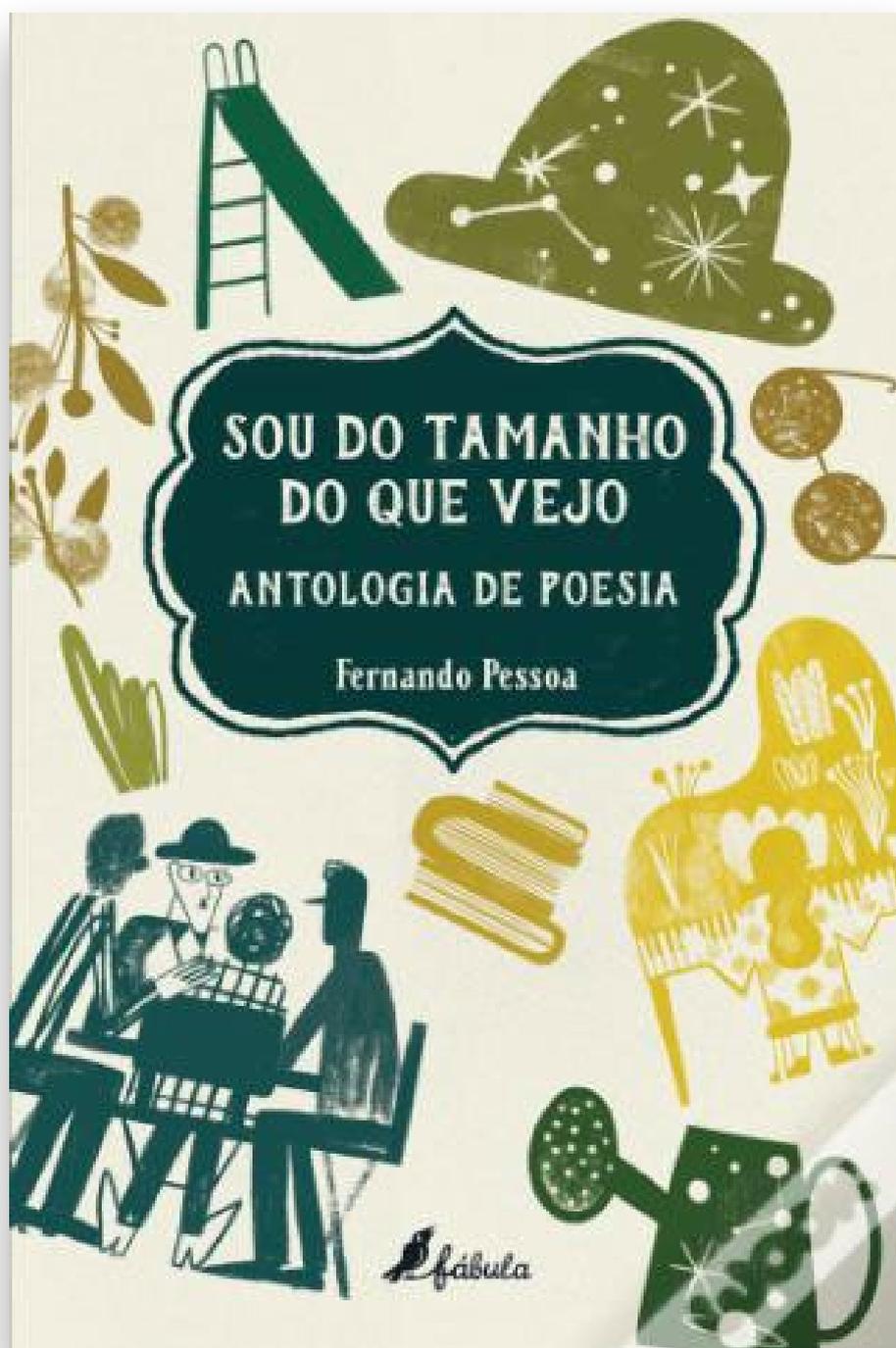
ANA PESSOA
YARA KONO
PLANETA TANGERINA

Um álbum para a primeira infância escrito e ilustrado com inteligência. Ana Pessoa e Yara Kono comprovam que a simplicidade não é inimiga da coerência, do humor ou de diversos níveis de leitura. A lógica de opostos surpreende pela relação mais metonímica que antagônica entre conceitos de volume, densidade, espaço ou movimento. São apenas palavras e páginas preenchidas com formas, geometrias, manchas e figuras que levam o leitor a reconhecer uma imagem através de uma parte do texto ou da sua relação. Os olhos circulam inevitavelmente pelas páginas duplas para absorver os vários sentidos, encontrar âncoras de suporte à identificação e descobrir novos elementos. A leitura quer-se expressiva, de acordo com o ritmo rimático imprimido pelos dois conjuntos antitéticos em cada dupla.



2019  2020

SOU DO TAMANHO DO QUE VEJO ANTOLOGIA DE POESIA FERNANDO PESSOA FÁBULA



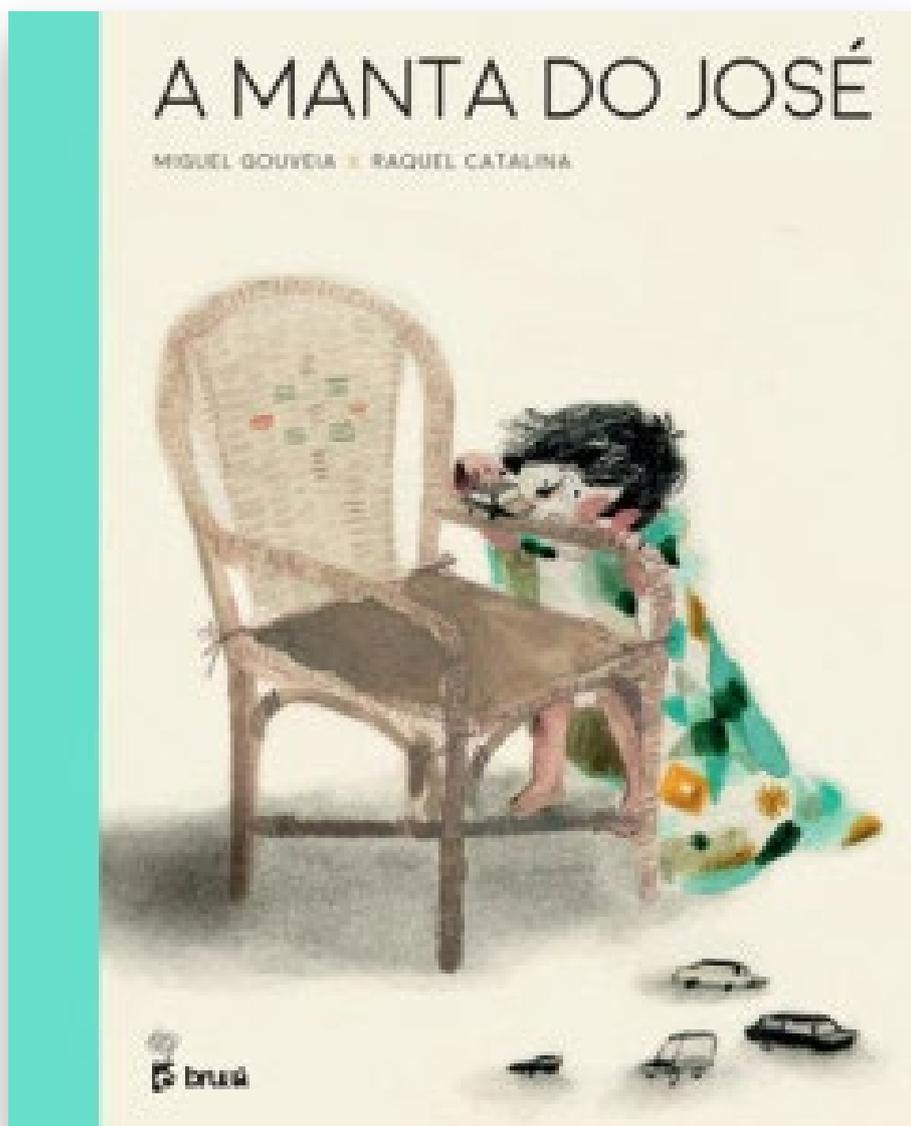
Muitos dos poemas são sobejamente conhecidos pelo público adulto: o Monstrengo, Autopsicografia, Poema Pial, Sou um guardador de rebanhos, Todas as cartas de amor são, Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio. Outros menos. Se são para crianças? Maioritariamente não, pelo vocabulário, pelo pendor reflexivo, pela imagética. Por outro lado, como lerá uma criança estes poemas? Podemos considerar que esta antologia requer mediação. Mas não deixa de a integrar subtilmente através da exemplar introdução de Carla Maia de Almeida que não só desvela a biografia do poeta e dos seus heterónimos como o faz apelando sempre a um diálogo com o leitor. Há no seu texto um grande cuidado em introduzir algumas explicações ou orientações sobre poemas que constam da selecção que transformam cada elemento numa parte de um todo que assim faz outro sentido, mais completo e surpreendente.

2019  2020

A MANTA DO JOSÉ

MIGUEL GOUVEIA
RAQUEL CATALINA
BRUÁ

Uma manta representa o amor e a inevitável passagem do tempo. A reciclagem de uma manta noutras peças de roupa produzida por um avô alfaiate é o motivo desta narrativa que não diz mas mostra o que certos objectos representam na biografia de cada um, sem razão original, porque se tornam alvos de apego e traçam um caminho de pertença e partilha. A psicologia terá designação própria mas na literatura e na arte são mais da ordem do testemunho por um lado e por outro do inexprimível. Algo que, como acontece neste álbum, preenche com cores diferentes os quadros pastéis do quotidiano e de uma existência feliz e lhes dá uma marca de identidade e subjectividade. Também a simplicidade do texto, estruturado a partir de momentos de repetição, alimenta esse desejo singelo e profundo, a cumplicidade, o conforto e a segurança do reencontro com o avô, mágico que prolonga a vida daquela manta através do seu talento e, claramente, do seu afeto por José.



2019  2020

UM HOTEL DE IMENSAS ESTRELAS

RITA TABORDA
DUARTE

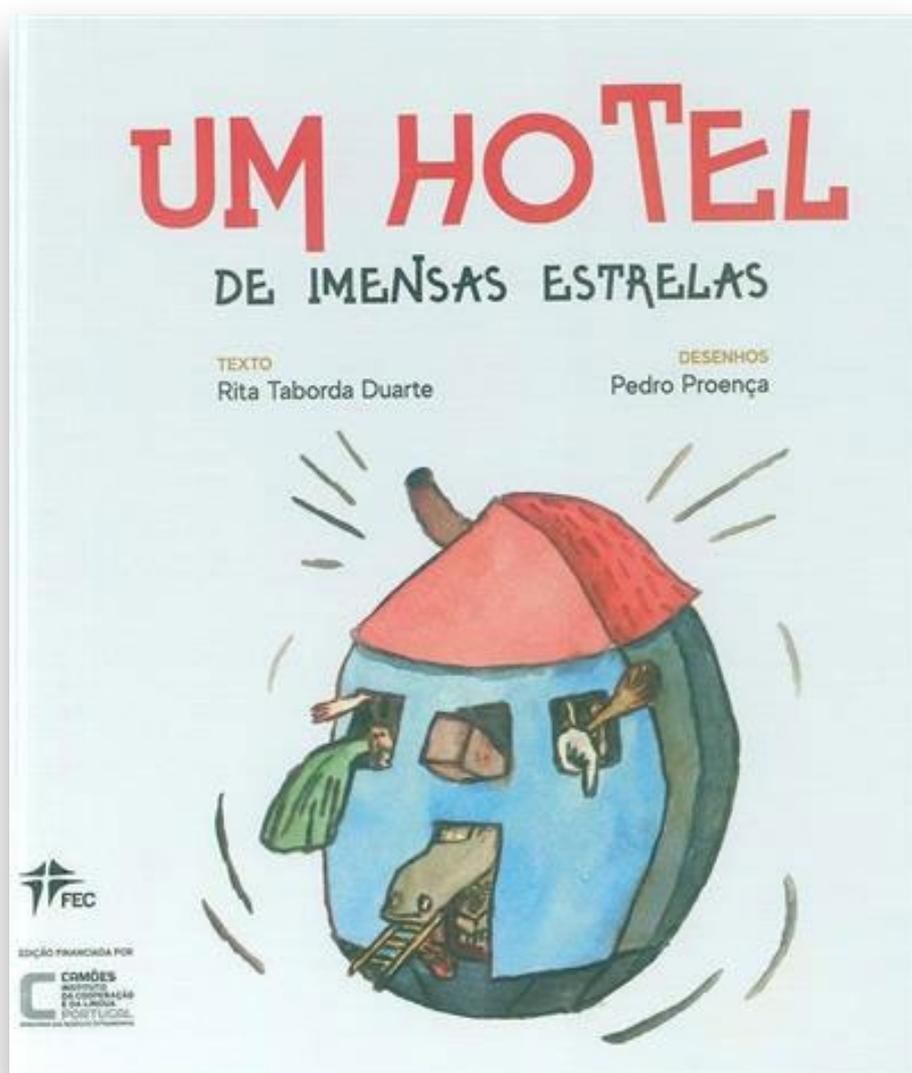
PEDRO PROENÇA

FEC-FUNDAÇÃO

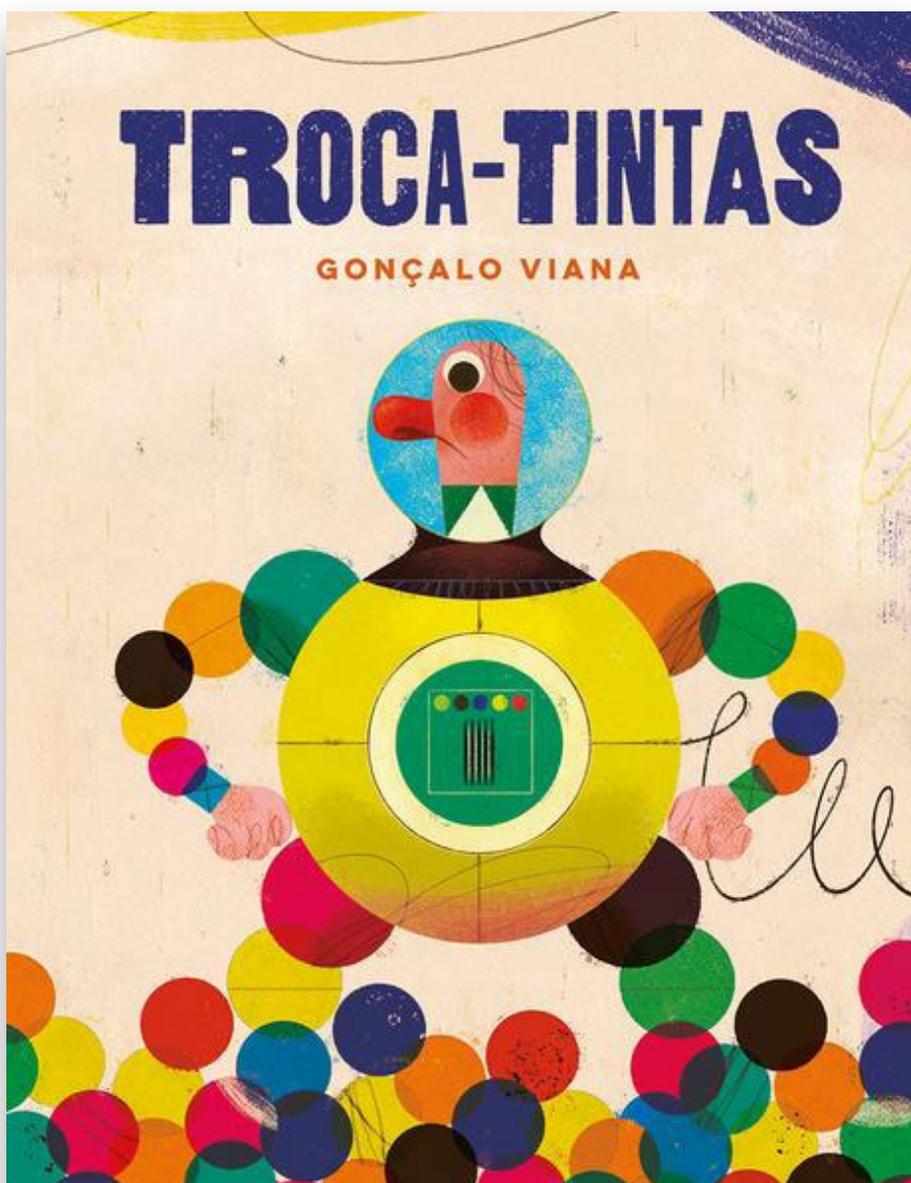
FÉ E COOPERAÇÃO

FÉ E COOPERAÇÃO

Nesta alegoria o leitor é convidado a entrar num hotel especial e observar todos os seus habitantes. A par e passo se descobre que animais e vegetais partilham um espaço que se multiplica em áreas terrestres, aéreas e marítimas. Com a fluência veloz que lhe é reconhecida, Rita Taborda Duarte vai-nos interpelando com chamadas de atenção e com a antecipação de questões que seria suposto que nos colocássemos e assim condicionam o nosso pensamento e percepção. Depois do convívio ordenado e livre entre animais, descobrimos as pessoas, descritas com um humor de estranheza que logo prevê um comportamento divergente. E à medida que caminhamos para o final chega a grande revelação: o Hotel é o Mundo e as pessoas ocupam o mesmo espaço que todos os outros seres vivos. O lixo e o desrespeito pelo outro é por isso o desrespeito pela nossa casa. Rita Taborda Duarte defende-o sempre através da palavra e da retórica do pensamento, desconstruindo sentidos comuns.



2019  **2020**
TROCA-TINTAS
GONÇALO VIANA
ORFEU NEGRO



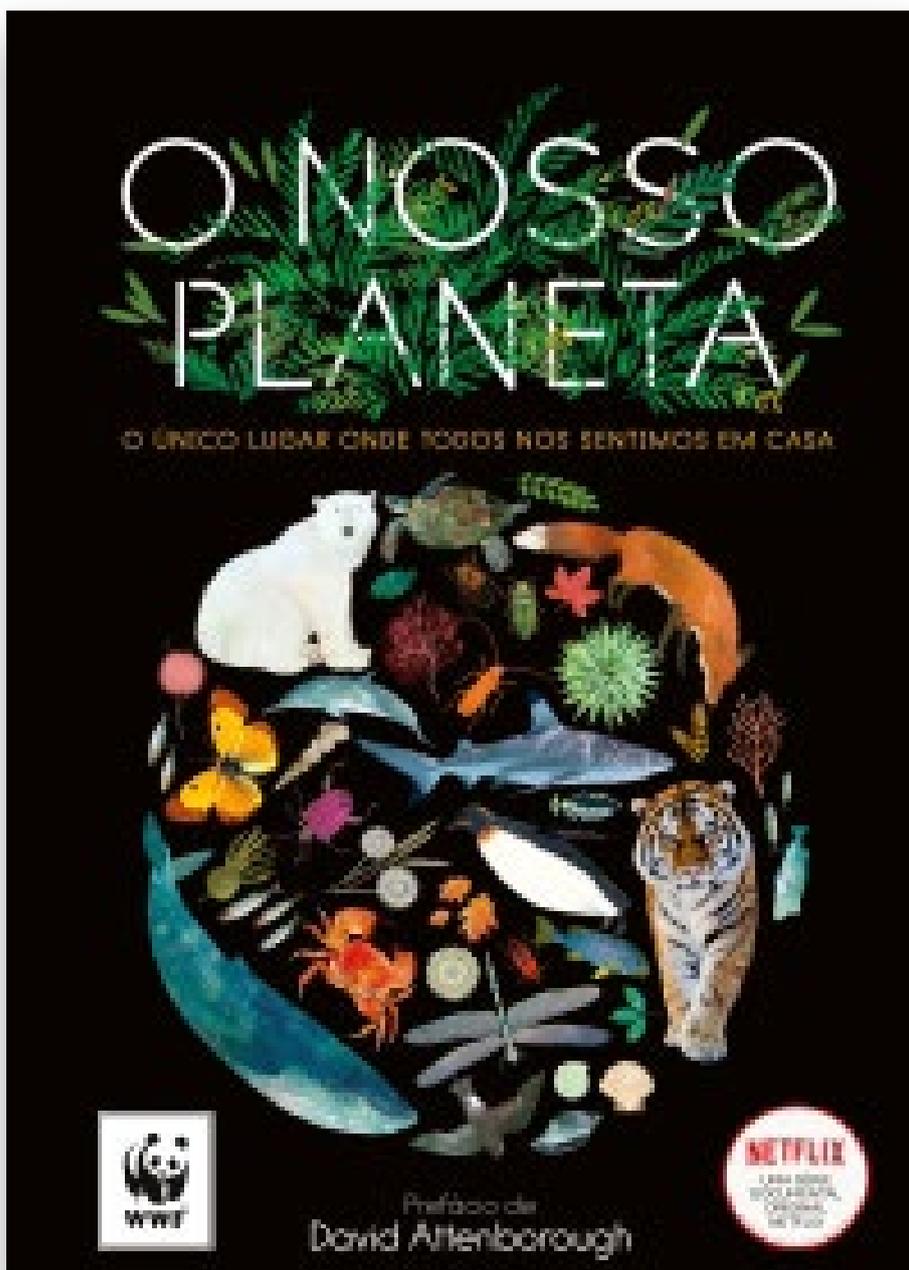
É mesmo preciso que o universo esteja sempre alinhado na sua representação? Por outras palavras, há algum problema se uma nuvem for verde e a copa de uma árvore branca? Esta é a questão que a narrativa problematiza e para a qual vai ensaiando respostas num vórtice cada vez mais absurdo de hipóteses e observações por parte de diversos agentes. O facto é que o contexto inicial se apresenta, em relação a outros que se lhe seguem, como o mais comum, apesar da copa branca da árvore. Quando mecanismos estranhos, figuras disformes e olhos plantados em edifícios dão um ar da sua graça, tudo se torna muito mais estranho. Gonçalo Viana leva longe este exercício que parece simplista para defender a liberdade de criar. A cor é o pretexto textual mas a surpreendente geometria das ilustrações é que conduz um subtexto visual mais complexo e dinâmico. Para explorar e reler.

2019  2020

O NOSSO PLANETA, O ÚNICO LUGAR ONDE TODOS NOS SENTIMOS EM CASA

MATT WHYMAN
RICHARD JONES
NUVEM DE LETRAS

Este livro informativo dedica-se aos sete habitats que, interligados, acolhem todos os ecossistemas do planeta. Para cada um há factos sobre a fauna e a flora, a sua importância para o equilíbrio mundial e os riscos que corre devido às alterações climáticas e a outras intervenções humanas. A acompanhar as caixas de texto há fotografias e ilustrações de página inteira que enriquecem muito o livro pela sua espectacularidade. O livro baseia-se na série documental *O Nosso Planeta* realizada para a Netflix e conta com um prefácio de David Attenborough, um dos mais famosos autores de documentários sobre a natureza.



2019  2020

NAPOLEÃO BENJAMIM PIRUETA

(O MENINO-LUPA)

ISABEL ZAMBUJAL

RACHEL CAIANO

OFICINA DO LIVRO



Napoleão teve uma vida insólita desde o início. Como se não lhe bastasse o nome o menino tinha uma espécie de super-poder: a visão chegava aos órgãos internos de pessoas e objectos. Como acontece com qualquer talento, este pode ser usado com boas ou más intenções ou com efeitos positivos ou negativos. É disso que trata esta narrativa ilustrada: o poder de fazer mal transforma-se, quando o próprio é obrigado a observar-se e analisar-se, no poder de fazer bem. A moral acrescenta uma coda à intriga: quando Napoleão era já reconhecido por todos pela sua dedicação à salvação da comunidade, eis que o rapaz se sensibiliza para o lixo e a preservação ambiental.

2019  2020

O MEU CORAÇÃO

CORINNA LUYKEN

FÁBULA

Não é o primeiro caso de um poema composto num álbum ilustrado e transformado pelo efeito da lentidão das páginas que têm de se virar e dos efeitos sensoriais da ilustração. Dois exemplos muito distintos são *Palavra que Voá* (texto de João Pedro Mésseder, ilustração de Gémeo Luís; Caminho) e *Amigos do Peito* (Cláudio Thebas, Violeta Lópiz, Bruaá). Este álbum desenvolve a metáfora do coração como fonte de sentimentos, comportamentos e sensações. A paleta reduzidíssima de cores, combinando apenas os cinzas e o amarelo, conferem ao texto uma dimensão emocional mais forte e simbólica, através do jogo de sombra associado à tristeza e a luz à alegria. A protagonista passa por vários estados de espírito que revelam a sua subjectividade e, no final, a sua autonomia e liberdade.



*1 de-
cada
em li-
vros*

ANDREIA BRITES

Novas vozes da década

A edição infantojuvenil portuguesa não tem razões para sofrer. A década que agora termina trouxe bons augúrios, revelações e continuidades que provam a qualidade e maturidade de autores e editores portugueses. Novas vozes da década, reconhecidas e promissoras: **Catarina Sobral** e **Ana Pessoa** já têm reconhecimento nacional e internacional com obra traduzida em diversos países. Catarina Sobral estreia-se com *Greve* em 2011 mas é com *O Meu Avô*, em 2014, que a sua obra ganha mais visibilidade. É também com *Greve* que a editora Orfeu Negro começa a sua aposta na edição de originais. Ana Pessoa inaugura a colecção de literatura juvenil Dois Passos e Um Salto na editora Planeta Tangerina com *O Caderno Vermelho da Rapariga Karateca* em 2012. É a sua primeira narrativa juvenil, vencedora do Prémio Branquinho da Fonseca nessa modalidade, em 2011. Continua a publicar com regularidade e com a sua terceira novela, uma longa carta de perder o fôlego, ganha um lugar único na galeria dos escritores juvenis. *Mary John* é uma novidade incomparável e o estilo da autora tem uma maturidade que os livros anteriores não antecipavam tão completa.

Alguns nomes promissores juntam-se a estas duas autoras: **Joana Estrela**, vencedora da primeira edição do Prémio Internacional de Ilustração de Serpa com *Mana*, **Carolina Celas** cujas ilustrações foram seleccionadas para a Exposição de Ilustração de Bolonha em 2019 e ainda **Mariana Malhão**, com ilustrações em duas obras difíceis, uma de poesia (*Uma rosa na tromba do elefante*) e outra um diário juvenil a quatro vozes (*Ciclone*).

O peso em Bolonha

Em 2011 Portugal é o país convidado da Feira, expondo os seus ilustradores no pavilhão central. A comitiva é mais extensa do que habitualmente e muitos contactos se iniciam e concretizam. É a partir de então que quer o **Planeta Tangerina** quer a **Orfeu Negro** em parceria com a **Pato Lógico** marcam ininterruptamente lugar na Feira com stand próprio, montra privilegiada para os fundos e lugar de reuniões para venda de direitos internacionais.

Bologna Ragazzi Awards

Pela primeira vez desde o nascimento destes prémios, houve títulos portugueses distinguidos. Uma das razões prende-se com a presença na Feira com stand próprio. Sem ele as editoras não podem concorrer a estes prémios. O esforço financeiro realizado anualmente por estas três pequenas editoras foi recompensado pela montra à escala mundial que as distinções ofereceram e que representaram mais vendas de direitos destes e de outros títulos.

Lá Fora, 2015; Bologna Ragazzi Award, Opera Prima

Hoje sinto-me, 2015; Bologna Ragazzi Award, Opera Prima (Menção Honrosa)

Mar, 2014, Bologna Ragazzi Award, Não ficção (Menção Honrosa)

A ilha, 2013, Bologna Ragazzi Award, Opera Prima (Menção Honrosa)

Os prémios BOP

Os **BOP** datam precisamente desta década e surgem como reconhecimento dos pares. As melhores editoras dos cinco continentes são escolhidas atualmente pelos pares. Também são conhecidos em Bolonha, durante a Feira, numa cerimónia independente. A abrir e a fechar a década, o prémio BOP para melhor editora europeia foi atribuído a uma editora independente portuguesa.

Planeta Tangerina: 2012

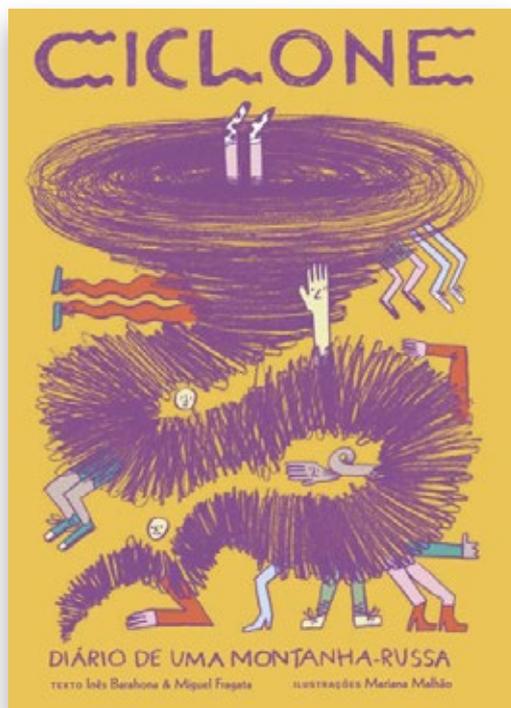
Orfeu Negro: 2019

Best Off

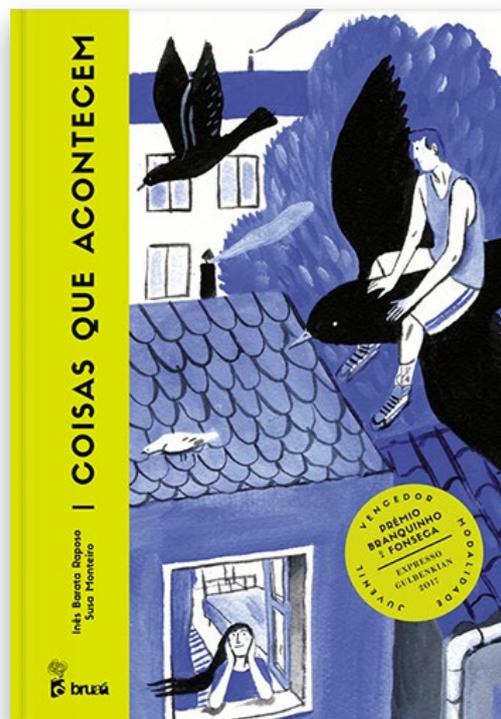
Em jeito de best off escolhemos dez livros que marcaram a década pelo tema, pela qualidade literária, pela estética formal. Notamos que continua a não haver novos escritores de excelência em número suficiente e que a ilustração, ao invés, caminha de boa saúde. Todavia, a década não foi trágica para a literatura juvenil, tão pouco para o álbum e para o livro infantil. À parte destas listas, há a destacar uma aposta cada vez maior nos livros informativos de qualidade e, mais recentemente, nas biografias. Ainda assim, a grande maioria continua a ser de autores estrangeiros.



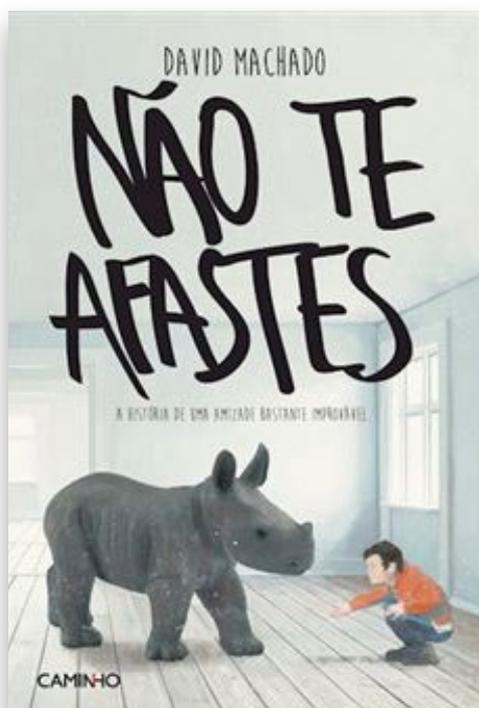
Dez livros juvenis de autores portugueses



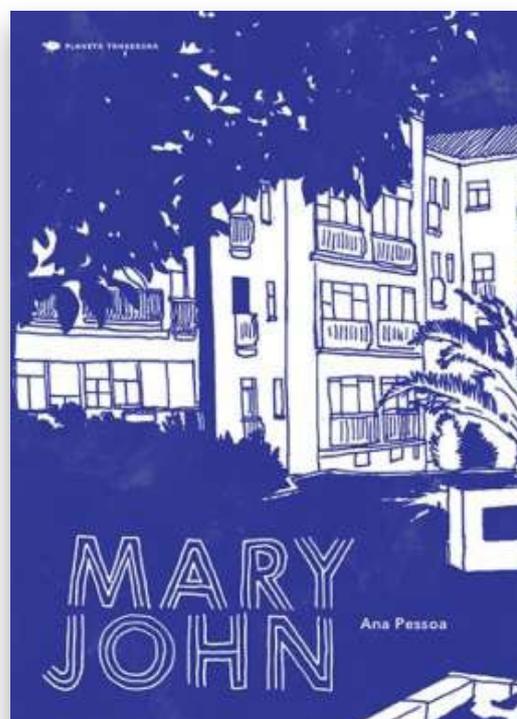
CICLONE
MIGUEL FRAGATA
INÊS BARAHONA
MARIANA MALHÃO
ORFEU NEGRO, 2019



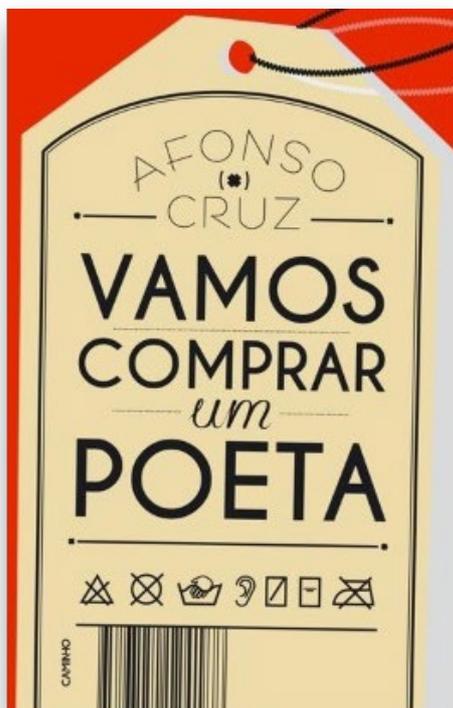
COISAS QUE ACONTECEM
INÊS BARATA RAPOSO
SUSA MONTEIRO
BRUAÁ, 2018



NÃO TE AFASTES
DAVID MACHADO
CAMINHO, 2018



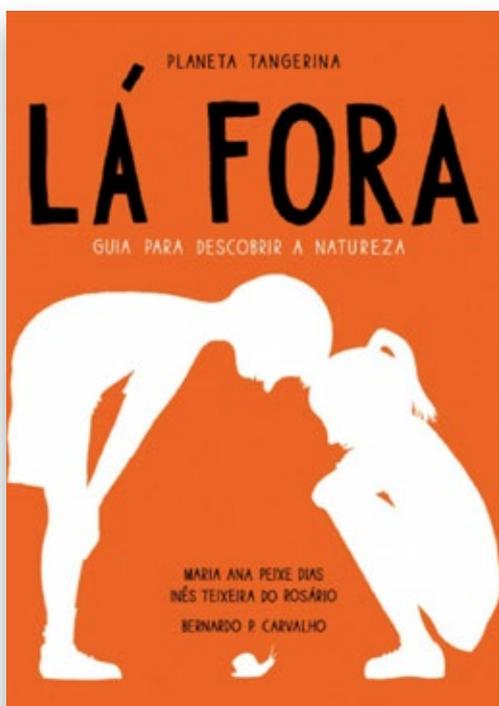
MARY JOHN
ANA PESSOA
BERNARDO CARVALHO
PLANETA TANGERINA, 2016



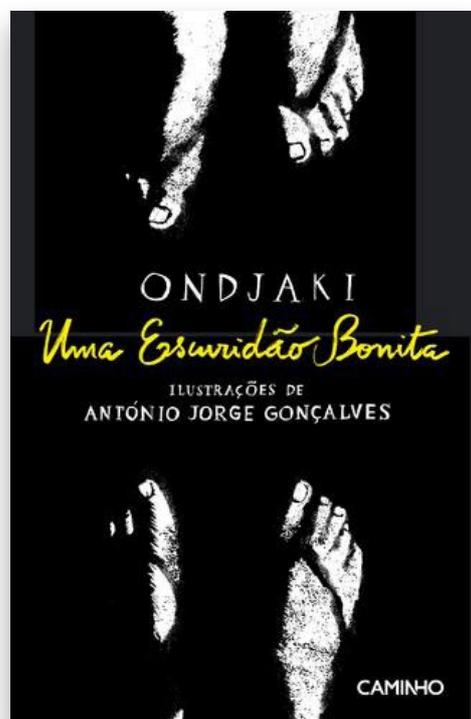
VAMOS COMPRAR UM POETA
AFONSO CRUZ
CAMINHO, 2016



QUE LUZ ESTARIAS A LER?
JOÃO PEDRO MÉSEDER
ANA BISCAIA
XEREFÉ EDIÇÕES, 2014

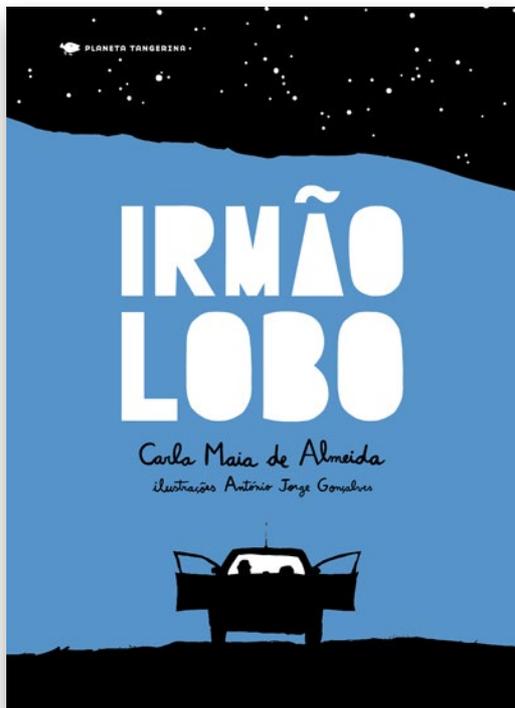


**LÁ FORA – GUIA PARA
DESCOBRIR A NATUREZA**
MARIA ANA PEIXE DIAS
INÊS TEIXEIRA DO ROSÁRIO
BERNARDO P. CARVALHO
PLANETA TANGERINA, 2014



UMA ESCURIDÃO BONITA
ONDJAKI
ANTÓNIO JORGE GONÇALVES
CAMINHO, 2013

Dez livros juvenis de autores portugueses



IRMÃO LOBO
CARLA MAIA DE ALMEIDA
ANTÓNIO JORGE GONÇALVES
PLANETA TANGERINA, 2013

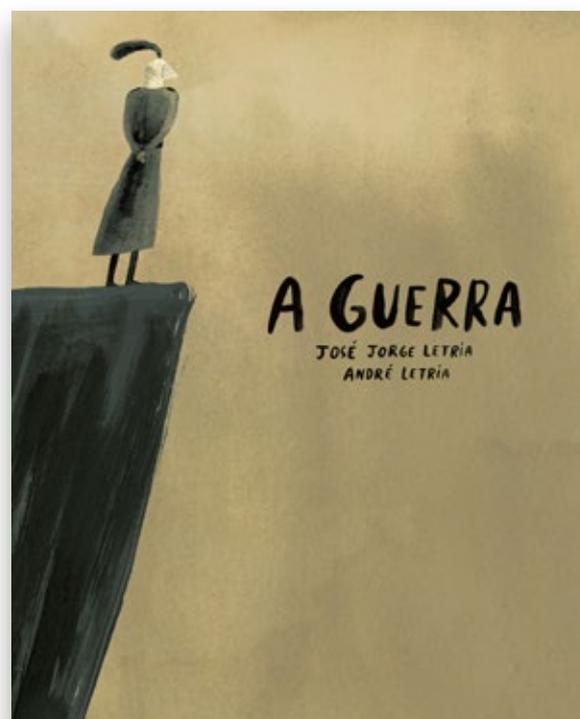


**MEIA HORA PARA MUDAR
A MINHA VIDA**
ALICE VIEIRA
CAMINHO, 2010

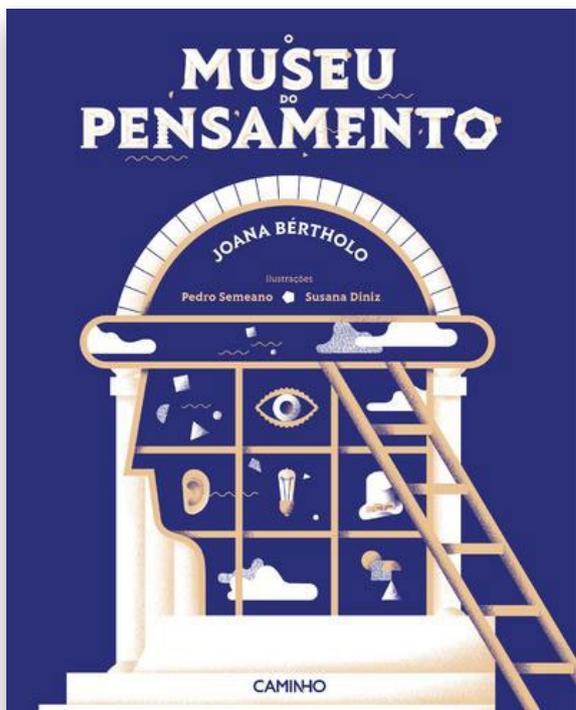
Dez livros infantis de autores portugueses



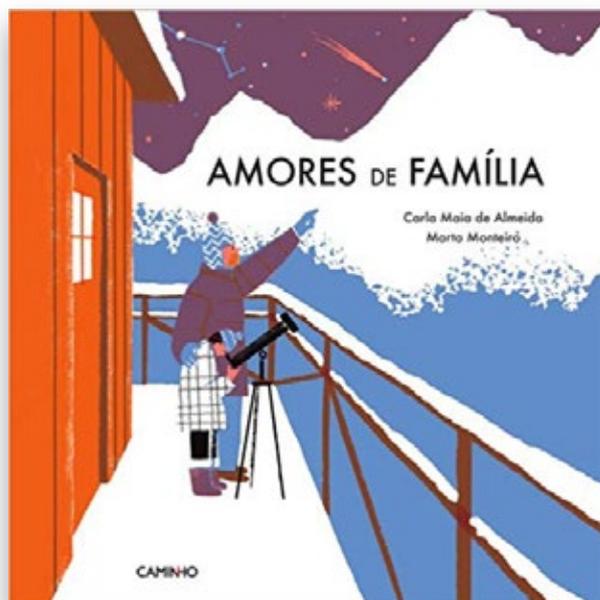
O ESPERTO E OUTRAS HISTÓRIAS
ANA DE CASTRO OSÓRIO
FÁBULA, 2019



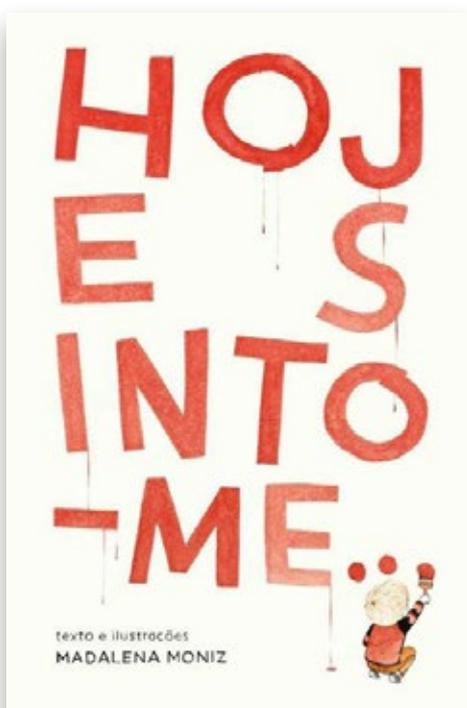
A GUERRA
JOSÉ JORGE LETRIA
ANDRÉ LETRIA
PATO LÓGICO, 2018



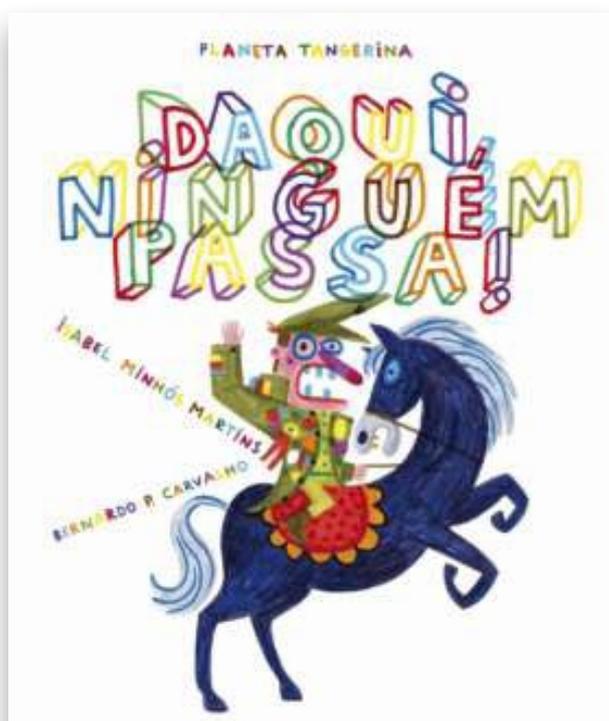
O MUSEU DO PENSAMENTO
JOANA BÉRTHOLO
PEDRO SEMEANO
SUSANA DINIZ, CAMINHO, 2017



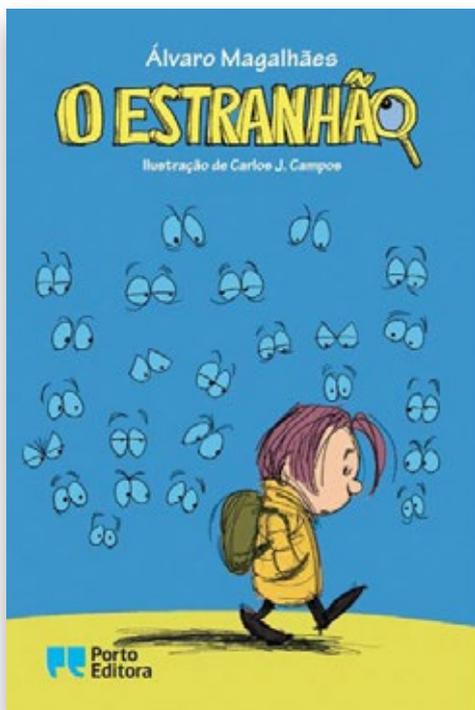
AMORES DE FAMÍLIA
CARLA MAIA DE ALMEIDA
MARTA MONTEIRO
CAMINHO, 2015



HOJE SINTO-ME
MADALENA MONIZ
ORFEU NEGRO, 2014



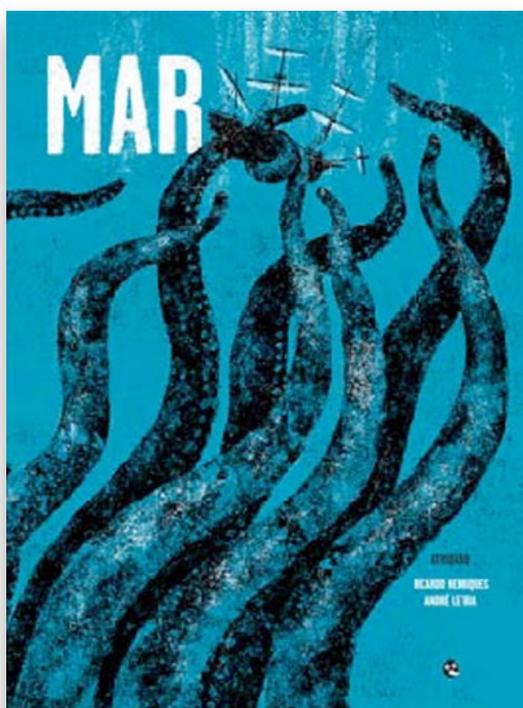
DAQUI NINGUÉM PASSA!
ISABEL MINHÓS MARTINS,
BERNARDO CARVALHO
PLANETA TANGERINA, 2014



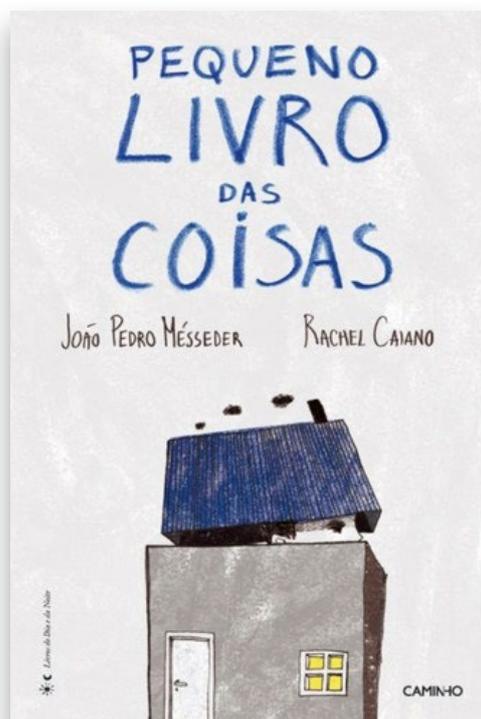
O ESTRANHÃO
ÁLVARO MAGALHÃES
PORTO EDITORA, 2014



O MEU AVÔ
CATARINA SOBRAL
ORFEU NEGRO, 2014

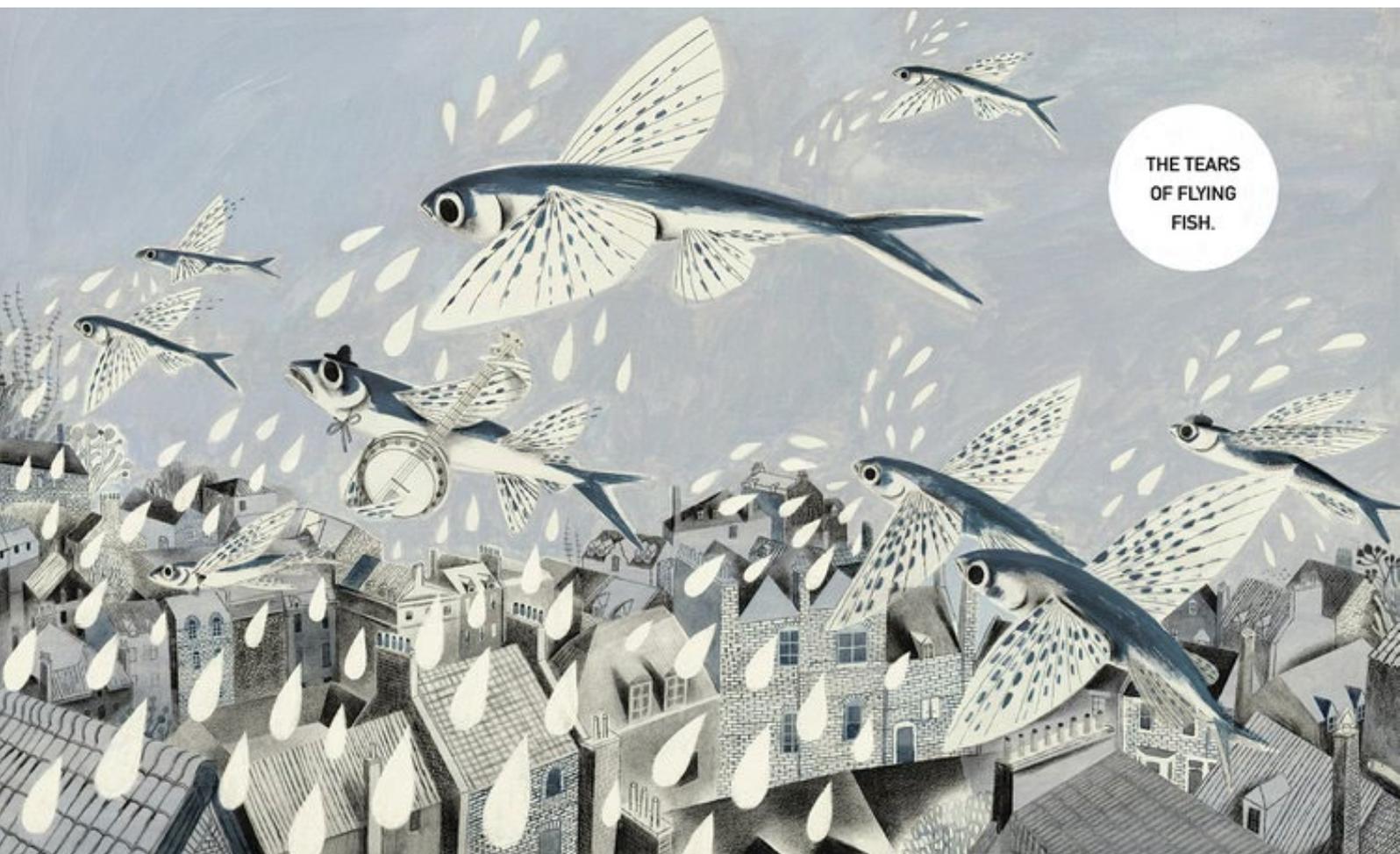


MAR
RICARDO HENRIQUES
ANDRÉ LETRIA
PATO LÓGICO, 2012



PEQUENO LIVRO DAS COISAS
JOÃO PEDRO MÉSSEDER
RACHEL CAIANO
CAMINHO, 2012

AND THE WINNER IS...



ISABELLE ARSENAULT

Prémio Hans Christian Andersen

Já são conhecidos os seis escritores e seis ilustradores finalistas ao Prémio Hans Christian Andersen, o mais importante da edição infantojuvenil. Os vencedores serão anunciados, como acontece a cada dois anos, na Feira Internacional do Livro Infantil em Bolonha, a 30 de Março de 2020.

Escritores:

María Cristina Ramos, Argentina

Bart Moeyaert, Bélgica

Marie-Aude Murail, França

Farhad Hassanzadeh, Irão

Peter Svetina, Eslovénia

Jacqueline Woodson, E.U.A.

Ilustradores:

Isabelle Arsenault, Canadá

Seizo Tashima, Japão

Sylvia Weve, Holanda

Iwona Chmielewska, Polónia

Elena Odriozola, Espanha

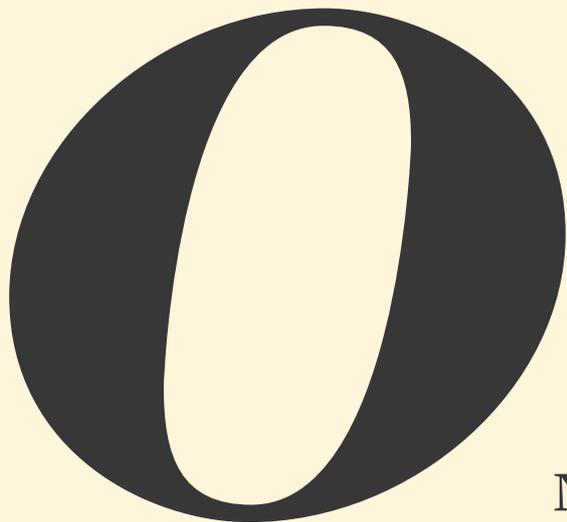
Albertine, Suíça

Sara
ma
g
u
a

*Uma crónica
de (e uma
carta a)
Saramago*

*Em 1973 algumas das crônicas que José Saramago havia escrito para os periódicos **A Capital e o Jornal do Fundão** foram publicadas em formato de livro, numa edição que ganhou o título de **A Bagagem do Viajante**. Vinte anos depois, esses textos foram publicados no México traduzidos por Dulce Maria Zúñiga, diretora da Cátedra Latino-Americana Júlio Cortázar da Universidade de Guadalajara. Neste número, a **Blimunda** recupera uma das crônicas de José Saramago que integram o citado volume e traduz para o português o texto que Dulce Maria Zúñiga leu durante a homenagem feita ao escritor na Universidade de Guadalajara.*

Apólogo da vaca lutadora, de José Saramago



Não invento nada. Faço esta declaração imediata porque adivinho já os sorrisos solertes ou desconfiados daquela gente para quem o extraordinário é sempre sinónimo de mentira. Essas pobres pessoas não sabem que o mundo está cheio de coisas e de momentos extraordinários. Não os veem, porque para eles o mundo aparece coberto de cinzas, comido de verdete baço, povoado de figuras que usam roupas iguais e falam da mesma maneira, com gestos repetidos sobre gestos já feitos por outros desaparecidos seres. É gente para quem talvez não haja remédios, mas a quem devemos continuar a dizer que o mundo e o que está nele não são o tão pouco que julgam.

Isto me lembra um pequeno incidente ocorrido aqui há dias, que foi também extraordinário, pelo menos tanto, ou talvez mais, nunca se sabe. Ia eu a subir a minha rua, sossegada rua onde acontecem de vez em quando umas discussões, umas zaragatas de gente triste, e era já perto da meia-noite, quando vejo a pouca distância, especado no meio do passeio, um homem que gesticulava e falava alto. Fazia gestos largos, violentos, como se estivesse a transmitir para muito longe uma mensagem cujo sentido ninguém decifraria. Como qualquer pessoa que do álcool faça apenas consumo normal ou abaixo da média, tenho um certo receio

instintivo dos bêbados. Para mim, saíram da humanidade do mundo e criaram por lá umas leis que não conheço. A irresponsabilidade de um bêbado tolhe-me a palavra. Singularmente, é também o que me acontece com as crianças: nunca soube como havia de falar-lhes.

Volto ao assunto. Hesitei, mas obriguei-me a continuar o caminho, desse por onde desse. E fiz bem, pois ali me aconteceu a tal extraordinária coisa, que teria perdido se tivesse atravessado para o outro lado da rua, como cheguei a pensar. Ao passar ao lado do homem, que continuava a fazer gestos e falar violentamente, vejo-o estender o braço para mim, de rompante. Não cheguei a assustar-me. Tinha na frente a mão aberta, estendida com um ar de fraternidade imperiosa a que não me era consentido fugir. Dei-lhe a minha mão e ficámos, de olhos nos olhos, em silêncio, qual o bêbado, qual o lúcido. E tenho de declarar que raras vezes na vida apertei mão tão firme e tão quente, tão densa e tão franca. A aspereza da pele vibrava na minha como uma comunicação viva. Quanto tempo durou isto? Nem um segundo, mas estas coisas não se medem pelo tempo.

A

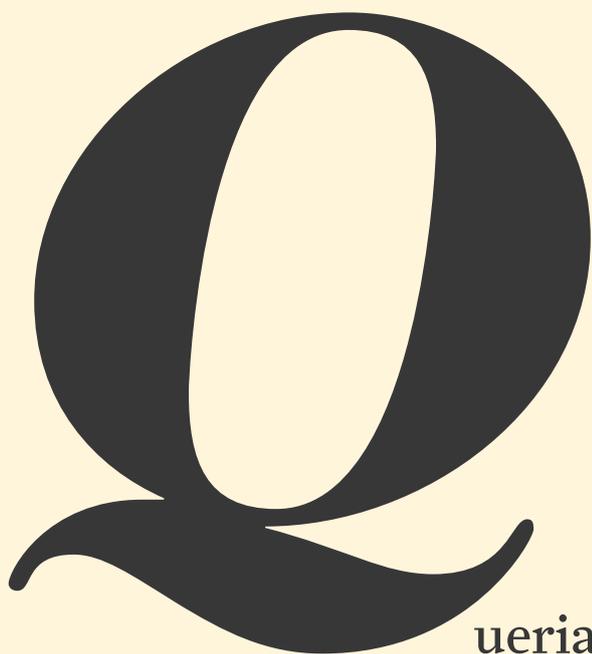
história que eu decidira contar e que o título resume, levou muito mais tempo. Foram doze dias e doze noite nuns montes da Galiza, com frio, e chuva, e gelo, e lama, e pedras como navalhas, e mato como umas, e

breves intervalos de descanso, e mais combates e investidas, e uivos, e mugidos. É a história de uma vaca que se perdeu nos campos com a sua cria de leite, e se viu rodeada de lobos, durante doze dias e doze noites, e foi obrigada a defender-se e a defender o filho. Poderemos imaginar esta longuíssima batalha, esta agonia de viver no limiar da morte, de ter de lutar por si mesma e por um animalzinho débil que não sabe ainda valer-se? Um círculo de dentes, de goelas abertas, as arremetidas bruscas, as cornadas que não podem falhar. E também aqueles momentos em que o vitelo procurava as tetas da mãe, e sugava lentamente, enquanto os lobos se aproximavam, de espinhaço raso e orelhas aguçadas.

N

ão imaginemos mais, que não podemos. Digamos agora que ao fim dos doze dias a vaca foi encontrada e salva, mais o vitelo, e levados em glória para a aldeia, como heróis atrasados daquelas antigas histórias que se diziam às crianças para que aprendessem lições de coragem e de sacrifício. Mas este conto é de tal maneira exemplar, que não acaba aqui: vai continuar por mais dois dias, ao fim dos quais, porque se tornara brava, porque aprendera a defender-se, porque ninguém podia já dominá-la ou sequer aproximar-se dela, a vaca foi morta. Mataram-na, não os lobos que em doze dias vencera, mas os mesmos

homens que a haviam salvo, talvez o próprio dono, incapaz de perceber que, tendo aprendido a lutar, aquele conformado e pacífico animal não poderia parar nunca mais.



Queria eu contar esta história, simplesmente, sem extrair dela qualquer moral, tanto mais que não estou aqui para dar lições. Mas veio meter-se de permeio a história do bêbado a quem apertei a mão, e agora não sei por que no meu espírito se aproximam as duas histórias, quando todos nós (eu e os leitores) claramente estamos a ver que nada têm uma com a outra. Decido deixar aqui estes dois casos, sem comentários. Fiquemos a pensar neles como quem, devagar, mexe em dois objetos de uso desconhecido, à espera de uma chave que os abra ou de encontrar o lado que lhes é comum.

Carta a José Saramago, por Dulce Maria Zúñiga

J

osé Saramago, és antigo, tens mais de mil anos, estás feito de papel, pó, habitas a Memória e atravessá-la para trazer até nós todos os nomes, visitaste tantos lugares e recordas, recordas. Sabes espiar por sobre os ombros do mundo, o teu olhar se detém em cada pedra, em cada ser que cruza o teu caminho. És o poeta que cumprimenta com mão firme o bêbado que passa ao teu lado cambaleando, o que aplaude o cego que toca uma harmónica; és o viajante cujo destino final está no interior de si mesmo. A tua poética é a do mínimo que inclui o enorme, o incomensurável. Para ti são tão importantes as formigas com suas ínfimas cargas como todos os planetas do universo.

Saramago, escreveste milhares de palavras, reinventaste a história da tua terra e construístes cidades povoadas por seres comuns e extraordinários, heróis sem nome ou anti-heróis com grandes nomes. Fazes a apologia de uma vaca lutadora e atacas o poder que tudo corrompe, que suja e transforma os homens em monstros. Já não procuras descrever a figura perfeita e polida das estátuas, senão penetrar na matéria com a qual elas estão feitas. Interessas-te pelas rochas que formam o arco que faz a ponte, não pela ponte. Sentes, como a cega rapariga dos óculos escuros, que «dentro de nós há uma coisa

que não tem nome, essa coisa é o que somos» e aprendemos contigo que devemos percorrer caminhos para encontrar esse nome que pode nós transformar em seres humanos dignos e completos.

D

izes, Saramago, que procuras a harmonia com a tua própria consciência, com o teu entorno, com as pessoas que queres, uma harmonia que é compatível com a indignação e com a luta do homem comprometido com a vida, com a vida de todos. És um escritor que não se vangloria do sucesso dos seus livros, não exhibes as condecorações que fizeste por merecer ter recebido e vais pelo mundo com a naturalidade que faz com que sejas como um personagem das tuas novelas, Sr. José, cavaleiro a pé.

Disseste-nos que não há nada mais importante que a vida de um homem, de qualquer homem e em qualquer lugar. E nada te detém para expressares o que pensas, tens a valentia de dizer um não quando a História tinha decretado um sim. Deste alma a Ricardo Reis, fizeste os cegos ver, levantaste do chão os que estavam caídos e colocaste, no pobre lugar onde a palavra floresce, uma jangada de pedra a navegar.

José Saramago, és antigo, tens mais de mil anos e muitas, muitas coisas para dizer.

Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosaramago.com



janeiro



Até 16 fevereiro ***Diego Rivera, Artista*** ***Universal***

Duas dezenas de pinturas de Diego Rivera, às quais se junta uma mostra fotográfica e algumas imagens interativas que ajudam a contextualizar a obra do pintor mexicano. Madrid, Casa de México. ►

Até 1 março

Canção Enigmática

Quatro dezenas de obras de vários artistas, entre pintura, escultura, fotografia e outras linguagens, percorrem as relações entre a arte e a música nas coleções do MAM. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna. ▶

CLAUDIO TOZZI, O GRITO, 1968





PICASSO NO ENTERRO DE ÉLUARD

Até 15 março **Pablo Picasso, Paul Éluard. Una Amistat Sublim**

Reunindo quadros, desenhos, correspondência e outros documentos, esta exposição acompanha a amizade entre o pintor espanhol e o poeta francês, cujos diálogos passaram intensamente pela arte.

Barcelona, Museo Picasso. ▶

Até 30 março

Mudo

Um ciclo de cinema que percorre algumas das obras fundamentais do chamado cinema mudo, sempre às segundas-feiras à noite.

Lisboa, Casa da Achada – Centro Mário Dionísio. ▶

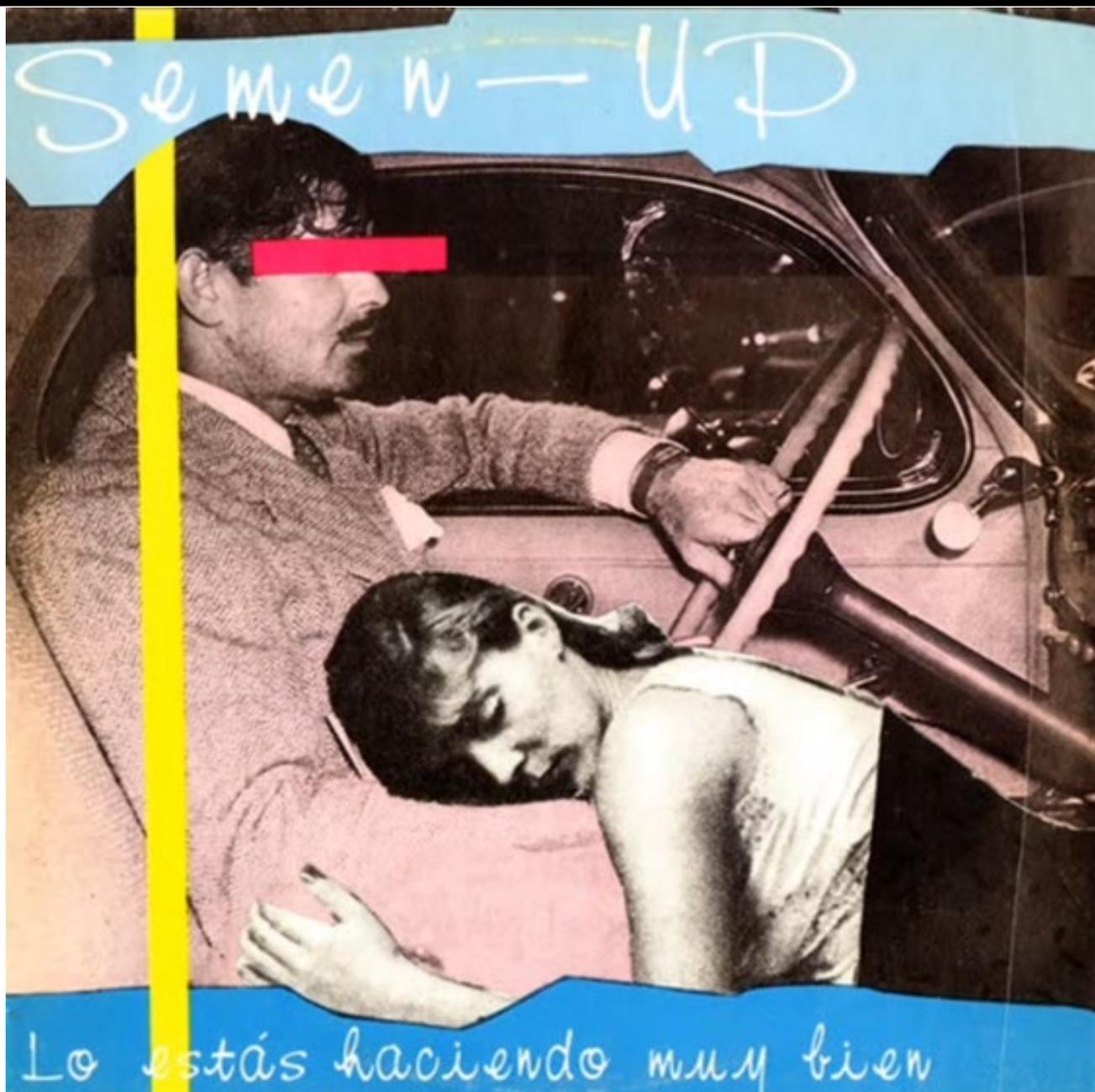


Até 31 março

José de Guimarães.

Volta ao Mundo: obra gráfica

São cerca de 168 obras, das gravuras que compoem a série 1º de maio aos trabalhos alusivos ao 25 de Abril, passando por muitos outros temas que foram definindo o trabalho gráfico deste artista. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal. ▶



Até 17 maio *Xirarei: Deseño de* *cubertas no disco* *galego 1955-1995*

Percorrer a música galega através do desenho das capas dos seus discos, acompanhando propostas gráficas e mensagens políticas e sociais, é a proposta desta exposição. Santiago de Compostela, Auditório de Galiza. ▶

Até 24 de maio

Electric. A Virtual Reality Exhibition

Exposição de realidade virtual, comissariada por Daniel Birnbaum e organizada pela Acute Art, onde vários artistas, emergentes e consagrados, exploram o meio e as potencialidades da realidade virtual. Porto, Museu Serralves. ▶

26 janeiro a 26 abril

Cine Pop 2020. O culto no grande ecrã

Ciclo de cinema que volta a colocar no grande ecrã alguns filmes de culto das últimas décadas, de Hitchcock, de Scorsese a Kubrick. Lisboa, Fórum Lisboa. ▶



8 fevereiro a 31 março *O Dia em que a Terra* *Se Fez Mar*

Exposição de fotografias do jornalista Tiago Miranda, com imagens realizadas na Beira, em Moçambique, após a passagem do ciclone Idai. Tondela, ACERT. ▶





© JORGE GONÇALVES

21 e 22 fevereiro ***Vidas Íntimas***

Os Artistas Unidos levam ao palco a mais reconhecida peça do dramaturgo Noël Coward, um divertimento carregado de sombras sobre as relações e a intimidade. Viseu, Teatro Viriato. ▶

***Pois esta palavra esperan-
ça, com maiúscula ou sem
ela, o melhor é riscá-la do
nosso vocabulário. Só os
exilados e os desterrados
que se conformarem com
o desterro e o exílio a de-
vem usar, à falta de me-
lhor. Dá-lhes consolo e alí-
vio. Os não conformados
têm outra palavra mais
enérgica: vontade.***

**Da crónica “Esta palavra
esperança”, in *Deste Mun-
do e do Outro***